



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO: PSICOLOGIA

O HOMEM NA PÓS-MODERNIDADE

**UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, TRANSMISSÃO DO MASCULINO,
RELACIONAMENTOS E FEMININO NO MASCULINO**

ROSITA FEDRIGO

BRASÍLIA
Junho/ 2005

ROSITA FEDRIGO

O HOMEM NA PÓS-MODERNIDADE

**UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, TRANSMISSÃO DO
MASCULINO, RELACIONAMENTOS E FEMININO NO MASCULINO**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do Curso
de Psicologia do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.
Professor Orientador: Maurício
Neubern

Brasília / DF, Junho de 2005

Dedicatória

Dedico esta monografia as quatro pessoas mais importantes de minha vida: meus pais, Carlos Ângelo e Maria do Carmo; meus filhos, Marcelo e Josie.

De meus pais, os ensinamentos que me passaram sobre masculino / feminino e exemplo de um casamento feliz.

De meus filhos, pelo exercício de troca de papéis que vivenciamos: amigos, irmãos, filhos e pais.

Marcelo e Josie, sem vocês minha vida não seria tão rica e plena.

*“Eu tenho tanto, pra lhe falar, mas com palavras, não sei dizer, **como é grande o meu amor por vocês...**”*

Como é grande o meu amor por você (Roberto Carlos) .

Agradecimentos

O Tamanho das Pessoas

(William Shakespeare)

Os Tamanhos variam conforme o grau de envolvimento ...

Uma pessoa é enorme para você, quando fala do que leu e viveu,
quando trata você com carinho e respeito,
quando olha nos olhos e sorri destravado

É pequena para você quando só pensa em si mesma,
quando se comporta de uma maneira pouco gentil,
quando fracassa justamente no momento em que teria
que demonstrar o que há de mais importante entre duas pessoas:

A amizade,

O respeito,

O carinho,

O zelo,

E até mesmo o amor.

Uma pessoa é gigante para você quando se interessa pela sua vida,
quando busca alternativas para o seu crescimento,
quando sonha junto com você.
E pequena quando desvia do assunto.

Uma pessoa é grande quando perdoa, quando compreende,
quando se coloca no lugar do outro,
quando age não de acordo com o que esperam dela,
mas de acordo com o que espera de si mesma.

Uma pessoa é pequena quando
se deixa reger por comportamentos clichês.

Uma mesma pessoa pode aparentar grandeza ou miudeza
dentro de um relacionamento,
pode crescer ou decrescer num espaço de poucas semanas

Uma decepção pode diminuir o tamanho
de um amor que parecia ser grande.

Uma ausência pode aumentar o tamanho
de um amor que parecia ser ínfimo.

É difícil conviver com esta elasticidade:
as pessoas se agigantam e se encolhem aos nossos olhos.
Nosso julgamento é feito não através de centímetros e metros,
mas de ações e reações, de expectativas e frustrações.

Uma pessoa é única ao estender a mão,
e ao recolhê-la inesperadamente, se torna mais uma.

O egoísmo unifica os insignificantes.
Não é a altura, nem o peso, nem os músculos
que tornam uma pessoa grande
é a sua sensibilidade, sem tamanho ...

Pessoas grandes e queridas de minha vida:

Ana, Beatriz, Bella, Benavides, Bizerril, Claudemir, Cloves, Daniela, Fernando Almeida, Gilberto Albuquerque, Gilberto Godoy, Giselle, Isabella, José Eduardo, Josie, Leida, Leonor, Marcelo Fedrigo, Marcos Fernandes, Cida, Maurício Neubern, Miriam, Nara, Paco, Regina, Renato, Ricardo, Soraia, Serginho, Tchê, Vera Cristina, Vera Lúcia, Vá, Virgínia e Walda.

*Não tenho como expressar em palavras meu sentimento de carinho, gratidão e amor. De alguma maneira, vocês estiveram comigo nesses cinco anos de Psicologia, seja ensinando, torcendo, estudando, incentivando; enfim tocaram e mudaram algo em minha vida. Escolhi esse poema de Shakespeare, para homenagear vocês. '**Pessoas grandes / gigantes**' são o que vocês representam para mim.*

***“...E eu desejo amar, a todos que eu cruzar, pelo meu caminho,
como eu sou feliz, eu quero ver feliz, quem andar comigo, vem.....”.***

Brincar de Viver, Guilherme Arantes.

***Beijos carinhosos,
Rosita Fedrigo***

Resumo

O presente trabalho, teve como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica que resultasse em reflexões, sobre o gênero homem, de classe média, formado ou cursando nível superior, morador de grandes metrópoles (acima de 300.000 habitantes), neste início do século XXI. A metodologia escolhida para esta pesquisa foi pelo meio do levantamento bibliográfico. Este século, denominado de pós-moderno é consequência da era moderna iniciado com a Revolução Industrial. Esta revolução, que trocou a força humana pela máquina, desencadeou a evolução tecnológica, social, e econômica. Surge a revolução feminina, informática e globalização transformando a sociedade mundial. A magnitude e rapidez destas mudanças afetaram, profundamente, a idéia que as pessoas tinham de si mesmos. As identidades que eram construídas por padrões culturais e estabilizavam o mundo social, começaram a declinar fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto como um sujeito unificado. Os temas abrangidos neste trabalho foram: construção da identidade do homem; transmissão do masculino; relacionamento dual e como desenvolver o valor feminino no homem. Os homens vivem dilema entre os sentimentos internos e o comportamento externo que a sociedade espera deles, sendo resultado dessas transformações ocorridas nos referenciais culturais. A transmissão de valores do masculino, como por exemplo, força, coragem, honra, determinação, lealdade e outros estão comprometidos. As pessoas, nesta pós-modernidade vivem quase, exclusivamente, para o mundo externo. Todos ficam mais frágeis, internamente. O mundo está repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível, homens e mulheres, vivem em crise, sendo esta um dos principais assuntos na busca de ajuda terapêutica. A grande maioria dos homens ainda não descobriu que existem valores feminino em seu interior, e isto é agravado com a masculinização da mulher. Esta pesquisa não teve intenção de encontrar conclusões, mas considerações que merecem serem refletidas. Embora o capitalismo seja muito evidente na sociedade atual, pode-se perceber que já existe uma preocupação na criação da identidade do homem. Nesta pesquisa foi encontrado referências a existência de grupos de homens que se reúnem coordenados por psicólogos, preocupados em reencontrar ou criar uma nova visão da condição masculina. Foi constatado que existe a dificuldade para a transmissão dos valores masculinos, pois ainda confundem o masculino com o machismo. Um ponto positivo é o movimento de pais (homens) buscando uma aproximação afetiva maior com seus filhos. Aos poucos estão descobrindo a importância paterna na vida dos filhos e vice-versa. No relacionamento dual, foi verificada a necessidade de encontrar um equilíbrio nos diálogos, conhecer um mais pouco da dinâmica do (a) companheiro (a). O homem também deve buscar se libertar dos pesos e cobranças que a sociedade impõe, se permitindo conhecer um pouco mais dos valores do feminino que estão em seu interior, e fazer uso desses para quando lhe convier.

Abstract

The present work, had as objective to carry through a bibliographical research that resulted in reflections, on the sort man, of middle class, formed or attending a course superior level, living of great metropolises (above of 300.000 inhabitants), in this beginning of century XXI. The methodology chosen for this research was for the way it bibliographical survey. This century, called of post-modernity initiated with the Industrial Revolution how a consequence of the modern age. This revolution, that changed human force to the machine, it unchained the evolution technological, social and economic. It appears the feminine revolution, computer science and globalization transforming the world-wide society. The magnitude and rapidity of these changes had affected the idea that the same people had of itself, deeply, The identities that were constructed by cultural standards and stabilized the social world, had started to decline making to appear new identities and breaking up the modern individual that was viewed as a unified citizen. The subjects enclosed in this work had been: construction of the identity of the man; transmission of the masculine; love relationship and how to develop the feminine value in the man. The men has a dilemma between the internal feelings and the external behavior that the society waits of them, being resulted of these occurred transformations in the cultural references. The transmission of values of the masculine, as for example, force, courage, honor, determination, loyalty and others are compromised. In this post-modernity the people lives almost for the external world, exclusively, All the people are more fragile, internally. The world is full of confused signals, inclined to move with rapidity and of unexpected form, men and women, they live in crisis, being this one of the main subjects in the search of therapeutical aid. The great majority of the men didn't discover that values feminine exist in inside and that is aggravated with the way masculinity of the woman. This research haven't intention to find conclusions, but considerations that deserve to be reflected. Although the capitalism is very evident in the current society, it can be perceived that already a concern in the creation of the identity of the man exists. In this research it was found references the existence of groups of worried men who if congregate by psychologists to find again or to take a new vision of the masculine condition. It was evidenced that the difficulty for the transmission of the masculine values exists, therefore still confuse the masculine with the '*machismo*'. One positive point is the movement of parents (men) searching a bigger affective approach with their children. They are discovering the paternal importance in the life of the children and contrariwise. In the love relationship, the necessity that was verified to find a balance in the dialogues, to know one more little of the dynamics of the accompanying. The man also must search to become free of the weights and collections that the society imposes, if allowing to more know a little value's feminine that are inside, and to get them for when they need to use it.



UniCEUB - Centro Universitário de Brasília
FACS - Faculdade de Ciências da Saúde
Curso: Psicologia
Período: 1º./2005
Orientador: Maurício Neurbern
Projeto de Monografia
Aluna: Rosita Fedrigo R. A. 2006917-6

O HOMEM NA PÓS-MODERNIDADE

**UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, TRANSMISSÃO DO MASCULINO,
RELACIONAMENTOS E FEMININO NO MASCULINO**

Resumo

O presente trabalho, teve como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica que resultasse em reflexões, sobre o gênero homem, de classe média, formado ou cursando nível superior, morador de grandes metrópoles (acima de 300.000 habitantes), neste início do século XXI. A metodologia escolhida para esta pesquisa foi pelo meio do levantamento bibliográfico. Este século, denominado de pós-moderno é consequência da era moderna iniciado com a Revolução Industrial. Esta revolução, que trocou a força humana pela máquina, desencadeou a evolução tecnológica, social, e econômica. Surge a revolução feminina, informática e globalização transformando a sociedade mundial. A magnitude e rapidez destas mudanças afetaram, profundamente, a idéia que as pessoas tinham de si mesmos. As identidades que eram construídas por padrões culturais e estabilizavam o mundo social, começaram a declinar fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto como um sujeito unificado. Os temas abrangidos neste trabalho foram: construção da identidade do homem; transmissão do masculino; relacionamento dual e como desenvolver o valor feminino no homem. Os homens vivem dilema entre os sentimentos internos e o comportamento externo que a sociedade espera deles, sendo resultado dessas transformações ocorridas nos referenciais culturais. A transmissão de valores do masculino, como por exemplo, força, coragem, honra, determinação, lealdade e outros estão comprometidos. As pessoas, nesta pós-modernidade vivem quase, exclusivamente, para o mundo externo. Todos ficam mais frágeis, internamente. O mundo está repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível, homens e mulheres, vivem em crise, sendo esta um dos principais assuntos na busca de ajuda terapêutica. A grande maioria dos homens ainda não descobriu que existem valores feminino em seu interior, e isto é agravado com a masculinização da mulher. Esta pesquisa não teve intenção de encontrar conclusões, mas considerações que merecem serem refletidas. Embora o capitalismo seja muito evidente na sociedade atual, pode-se perceber que já existe uma preocupação na criação da identidade do homem. Nesta pesquisa foi encontrado referências a existência de grupos de homens que se reúnem coordenados por psicólogos, preocupados em reencontrar ou criar uma nova visão da condição masculina. Foi constatado que existe a dificuldade para a transmissão dos valores masculinos, pois ainda confundem o masculino com o machismo. Um ponto positivo é o movimento de pais (homens) buscando uma aproximação afetiva maior com seus filhos. Aos poucos estão descobrindo a importância paterna na vida dos filhos e vice-versa. No relacionamento dual, foi verificada a necessidade de encontrar um equilíbrio nos diálogos, conhecer um mais pouco da dinâmica do (a) companheiro (a). O homem também deve buscar se libertar dos pesos e cobranças que a sociedade impõe, se permitindo conhecer um pouco mais dos valores do feminino que estão em seu interior, e fazer uso desses para quando lhe convier.

Abstract

The present work, had as objective to carry through a bibliographical research that resulted in reflections, on the sort man, of middle class, formed or attending a course superior level, living of great metropolises (above of 300.000 inhabitants), in this beginning of century XXI. The methodology chosen for this research was for the way it bibliographical survey. This century, called of post-modernity initiated with the Industrial Revolution how a consequence of the modern age. This revolution, that changed human force to the machine, it unchained the evolution technological, social and economic. It appears the feminine revolution, computer science and globalization transforming the world-wide society. The magnitude and rapidity of these changes had affected the idea that the same people had of itself, deeply, The identities that were constructed by cultural standards and stabilized the social world, had started to decline making to appear new identities and breaking up the modern individual that was viewed as a unified citizen. The subjects enclosed in this work had been: construction of the identity of the man; transmission of the masculine; love relationship and how to develop the feminine value in the man. The men has a dilemma between the internal feelings and the external behavior that the society waits of them, being resulted of these occurred transformations in the cultural references. The transmission of values of the masculine, as for example, force, courage, honor, determination, loyalty and others are compromised. In this post-modernity the people lives almost for the external world, exclusively, All the people are more fragile, internally. The world is full of confused signals, inclined to move with rapidity and of unexpected form, men and women, they live in crisis, being this one of the main subjects in the search of therapeutical aid. The great majority of the men didn't discover that values feminine exist in inside and that is aggravated with the way masculinity of the woman. This research haven't intention to find conclusions, but considerations that deserve to be reflected. Although the capitalism is very evident in the current society, it can be perceived that already a concern in the creation of the identity of the man exists. In this research it was found references the existence of groups of worried men who if congregate by psychologists to find again or to take a new vision of the masculine condition. It was evidenced that the difficulty for the transmission of the masculine values exists, therefore still confuse the masculine with the '*machismo*'. One positive point is the movement of parents (men) searching a bigger affective approach with their children. They are discovering the paternal importance in the life of the children and contrariwise. In the love relationship, the necessity that was verified to find a balance in the dialogues, to know one more little of the dynamics of the accompanying. The man also must search to become free of the weights and collections that the society imposes, if allowing to more know a little value's feminine that are inside, and to get them for when they need to use it.

Sumário

Introdução	9
Desenvolvimento	14
Capítulo I - Identidade Masculina	14
Capítulo II - Relação Pais e Filhos - Transmissão do Masculino	26
Capítulo III – Relacionamento Dual na pós-modernidade	40
Capítulo IV- Desenvolver o <i>feminino</i> no gênero <i>masculino</i>	62
Conclusão	71
Referências Bibliográficas	81
Anexos	84
Anexo I - Glossário	84
Anexo II – Diferenças entre Masculinidade e Feminilidade	86
Anexo III – Músicas	87
Super homem – a canção	87
Fé menino	88
Pai e Mãe	89
Anexo IV – Entrevista Warren Farrell	90
Anexo V – Atributos do Masculino e Feminino	95
Modo de Pensar	95
Modo de Sentir	96
Relação com a natureza	96
Modo de Agir	97

Introdução

A Revolução Industrial teve origem na Inglaterra e integrou o conjunto das Revoluções Burguesas do século XVIII, responsáveis pela crise do Antigo Regime, na passagem capitalismo comercial para o Industrial. Os outros dois movimentos que acompanham são a independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa, que sob influência dos princípios iluministas, assinalam a transição Idade Moderna para Contemporânea. No sentido mais pragmático, esta revolução significou a substituição da ferramenta pela máquina, e contribuiu para consolidar o capitalismo como modo de produção dominante. Essa revolução que trocou a força humana pela máquina, é o início de uma evolução tecnológica, social, e econômica, que vinha acontecendo na Europa desde a Baixa Idade Média. Como consequência, o homem foi perdendo seu referencial de conduta. Além disso, aliado a esta revolução, surgem às guerras mundiais, o avanço da ciência, tecnologia, revolução feminina, e a globalização transformando, notavelmente, a sociedade mundial.

Vive-se neste início do século XXI, a era da pós-modernidade, nome aplicado às mudanças ocorridas, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando por convenção se encerra o modernismo. tendo como características a queda das fronteiras, a globalização, a fragmentação da sociedade, o capitalismo latente, o individualismo e hedonismo. Ele nasce com a computação e com a arquitetura nos anos 50. Toma corpo com a arte pop (anos 60). Amadurece, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência.

Giddens (1992), ao trabalhar as principais questões dos ideais contemporâneos, coloca como central a idéia na qual o homem é obrigado a abdicar da rigidez das idéias, atitudes e tipos de comportamentos fundamentados no sistema de valores tradicionais. Trouxe consigo, a descoberta do DNA, realizações na arte e na ciência. Expandira-se também as grandes metrópoles industriais, as classes médias consumidoras de moda e lazer e a cultura em massa (revista, filme, romance policial, novela de TV), enfim o povo agora era controlado pela mídia. A

mesma ditava as regras do jogo. Todos agora estão sendo regidos por filmes ou imagens. Dar-se-á valor a aparências, não mais ao ser em sua essência. Esta é a sociedade no início do século XXI, cujas características vão ficando mais evidentes de acordo com processo de globalização.

A televisão, como veículo de comunicação de massa, entra diariamente nos lares, é um das ferramentas mais poderosas de 'passar comportamentos' para as pessoas. A TV podia ser um instrumento de educação, de passar conhecimentos, cultura, mas ao estilizar, espetacularizar e simular a realidade, a TV mascara a complexidade das idéias, apresentando os fatos de uma maneira simplista, construindo uma banalidade pós-moderna em todos os sentidos.

A partir da década de 60 surge o movimento feminista. Aos poucos as mulheres vão se tornando as grandes heroínas, mulheres empreendedoras e batalhadoras. Os homens deixam de ser os heróis e passam a acompanhar o crescimento do feminino. A eles resta um empobrecimento do seu papel, surgem os homens sem camisas, os 'homens objetos', sensuais, bonitos, ou são conservadores, traidores, ou ainda os românticos, que aí são considerados frágeis. (Nolasco, citado in Jacobina e Kühner, 1998)

Antes da revolução industrial os papéis dos homens eram muito claros e definidos, notadamente, como os provedores e defensores das famílias. Essa revolução provocou uma grande mudança socioeconômica: os homens e suas famílias mudaram-se para os grandes centros, buscando uma vida melhor. Eles passam a produzir um excedente que deve ser consumido, surgindo então as grandes navegações e em particular a invenção do vapor. As barreiras culturais começaram a ser invadidas, proporcionando ao homem contato com outros valores e referências sociais. Todos esses aspectos contribuíram para o homem começar a perder a noção de sua própria identidade e a buscar uma melhor definição de seu papel.

A magnitude e rapidez destas mudanças afetaram profundamente a idéia que as pessoas tinham de si mesmos. Segundo Hall (2004, p. 07) "*...as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio,*

fazendo surgir novas identidade e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Essas velozes transformações atuam diretamente na construção da identidade das pessoas. Pela lei da vida, da natureza, os pais teriam que ser aqueles que preparariam os filhos para ser uns indivíduos independentes, auto-sustentáveis, responsáveis para enfrentar os obstáculos que a vida proporciona. Atualmente, o que é observado, nas grandes cidades, que a educação dos filhos está sendo terceirizada. Os pais estão trabalhando, muitas vezes também estudando para adquirir novas competências e conseguir manter sua empregabilidade, desta maneira o tempo para a interação familiar fica, altamente, prejudicado.

Além disso, o homem, atualmente, está sofrendo as conseqüências das revoluções, previamente descritas, e desenvolver habilidades que não lhe eram cabíveis: interagir afetivamente com seus filhos. De acordo com Hurstel (1999) o sentido de ‘função paterna’ na vida dos filhos está em crise. Com a liberação da mulher, sua independência civil e profissional, caminha-se para uma grande transformação na situação familiar. Segundo esse autor, (p. 11):

Nos países europeus, sobretudo nos países nórdicos e, em especial, na Alemanha e na França, a família cada vez mais toma uma forma imposta mais pela mulher do que pelo homem. A mulher escolhe seu companheiro, decide se ele vai ou não ser pai de seu filho, como decide se o quer na convivência familiar. A meu ver, trata-se de um desequilíbrio perigoso. Penso que se trata de um momento de transição na história da humanidade. Se ontem pesava mais ou demais a autoridade do marido e do pai, hoje a balança pende do outro lado, a mulher pega a dianteira e dita as iniciativas.

A cada dia que passa, percebe-se a presença da mulher, cada vez mais forte no eixo familiar. Os filhos, muitas vezes, têm a mãe como a referência de comportamento. E o papel do homem, como está sendo vivenciado o seu papel de pai, diante destas transformações? Neste trabalho será realizado uma pesquisa bibliográfica, para obter-se uma breve reflexão da importância do papel do pai na vida de seus filhos, principalmente, do sexo masculino (além de provedor). Além disso irá buscar identificar de que maneira os valores pertencentes do gênero

masculino, tais como : honra, coragem, atitude, independência e outros, estão sendo passados para os filhos homens. Até que ponto, os filhos do sexo masculino, estão sendo influenciados pela visão das mães.

Além da influência da mulher na vida dos filhos, neste trabalho será realizada uma pesquisa para refletir de qual maneira o homem pós-moderno está se relacionando com a nova mulher, independente, corajosa etc, que muitos chamam de 'mulher forte' . Fazendo uma comparação com os primórdios dos tempos, os homens viviam sem amor e aconchego, a luta era pela sobrevivência. Atualmente, têm-se condições materiais ótimas, se comparado com a fase selvagem que nossos primórdios viveram. Mas do ponto de vista sentimental o homem ficou mais fraco. A capacidade para o homem se bastar é mínima. Gikovate (2000) cita que o homem tem menos competência para lidar com a vida solitária comparando com a mulher, havendo exceções. Ele faz a seguinte reflexão (p.36):

Será por causa da importante experiência feminina ligada à maternidade? Pode ser. Ou se recuperam com maior dificuldade aqueles que se sentiram largados, traídos, que é como muitos homens se sentem, hoje em dia, em virtude da busca de autonomia a que as mulheres têm se dedicado?

Outro ponto a ser refletido, são os valores do feminino. É dito, no senso comum, que se vive um mundo no qual as mulheres estão avançando em todos os campos, sejam políticos, sociais, profissionais. Mas com quais atributos que essa mulher tem conseguido o seu espaço? Será que a mulher, que adquiriu competências masculinas, ainda não percebeu a importância de apoiar os homens na construção de valores femininos, isto é, desenvolver mais a habilidade de compreensão, criatividade, sensibilidade. Não é ponto deste trabalho pesquisar a sobre a mulher pós-moderna, porém, percebe-se que o feminino na mulher está um pouco esquecido.

O despertar para este tema, foi decorrente de observar-se uma solidão, em temos de relacionamentos duais, entre homens e mulheres na faixa dos 28 a 38 anos. Pessoas formadas em nível superior, atuando no mercado, que vivem em busca de um relacionamento. Os homens reclamando que as mulheres estão muito

exigentes, e por outro lado, elas reclamam que eles não querem compromisso. Isto aguçou a minha curiosidade em tentar compreender a atual dinâmica que culminou com a realização desta pesquisa bibliográfica : o que está acontecendo com os homens, no qual os valores masculinos quase não são mais percebidos. É evidente que a predominância em nossa cultura atual é do machismo. Será que o tempo urge, tão rapidamente, que não proporciona a troca de idéias, filosofar sobre o verdadeiro sentido da vida, filosofar sobre os valores que ajudam o ser humano a se tornar uma pessoa melhor enfim filosofar sobre causas humanitárias.

Desenvolvimento

Capítulo I - Identidade Masculina

*No final da estrada
E você não sabe o que é
Se é fim ou é chegada
Na vida, no tempo
Na luz da escuridão
No mundo, no sonho
Na brasa, no carvão
O horizonte esconde
A ciência do onde.*

Orlando Moraes

No Dicionário Técnico de Psicologia (Cabral & Nick, 1999 p. 148), encontra-se a seguinte definição para identidade pessoal:

Unidade da personalidade no tempo; sentimento e pensamento de imutabilidade e continuidade internas da pessoa (suas idéias, metas e recordações inalienáveis), sentimento e pensamento esses que se conjugam com a imutabilidade e continuidade do significado que a pessoa tem para os outros. O desenvolvimento do sentido de identidade constitui a última fase da infância e da juventude segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial da personalidade, de Erick Erikson. É uma fase essencial para que o adolescente possa enfrentar com êxito os desafios da idade adulta. A aquisição do sentido de identidade requer do jovem que se integre em sete dimensões ou áreas, a saber: (1) Perspectiva de Tempo; (2) Certeza do Eu; (3) Experimentação de Papel; (4) Previsão de Realização; (5) Identidade Sexual; (6) Polarização de Liderança e (7) Polarização Ideológica.

Neste capítulo, serão abordados alguns fatores que, de uma maneira geral, atuam na construção da identidade do gênero masculino nesse início de século XXI. Será visto como é elaborado o papel do homem, o que é esperado dele, quais são as suas expectativas, como é projetada a subjetividade pessoal e coletiva, que aos poucos darão forma a essa identidade. Tudo isso, vai muito além do conceito do sexo biológico. Segundo Maturama (Muraro & Boff 2002), descrever sobre gênero é falar de um modo específico do ser no mundo, baseado, por um lado, no caráter

biológico do nosso ser, e, de outro, na influência da cultura, dos ideais, da religião, da sociedade influenciando esse caráter biológico. (idem).

Johnson (1993) cita que potencialmente existem três estágios no desenvolvimento psicológico do homem. O padrão arquetípico é aquele em que um ser passa da perfeição inconsciente da infância para a imperfeição consciente da meia-idade para, depois, atingir a perfeição consciente da velhice. Assim, o indivíduo caminha partindo de uma plenitude ingênua, onde o mundo interior e o exterior estão unidos, para um estágio em que se dá a separação e a diferenciação entre esses dois mundos, denotando, portanto, a dualidade da vida, para, finalmente, atingir a iluminação – quando acontece uma reconciliação *consciente* do interior com o exterior, em harmoniosa totalidade, chegando também na individuação¹.

Nessa mesma linha de pensamento, Vygotsky & Luria (1996), afirmam que o comportamento do homem moderno, não é resultado somente da evolução biológica, ou do seu desenvolvimento infantil. É um produto do processo do desenvolvimento histórico da humanidade. Hall (2004) contribui para essa idéia, dizendo que o homem é um ser social e a sociedade é um alicerce na construção de sua identidade. Embora o homem tenha uma essência interior, sua identidade é desenhada, modificada, com os mundos culturais exteriores, e com a diversidade de identidade existentes. Esse último autor, em seu livro *A Identidade cultural na pós-modernidade*, aborda 3 concepções de Identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo baseia-se numa concepção individualista, na qual o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Segundo Hall (2004, p.11) “...pode-se ver que essa era uma concepção muito ‘individualista’ do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino)”.

De acordo com a visão sociológica, a identidade é formada na interação do sujeito e a sociedade. Hall (2004, p. 11) cita: *O sujeito ainda tem um núcleo ou*

¹ Individuação: processo pelo qual a pessoa vai-se tornando progressivamente, durante toda sua vida, o ser pleno, unificado, tal como almejado por Deus

essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. Dessa forma, a cultura, a sociedade, estabiliza, dá estrutura ao sujeito, tornando ambos (sociedade e sujeito) mais unificados e previsíveis.

Já o sujeito na concepção pós-moderna, está sofrendo as conseqüências das mudanças estruturais e institucionais. Na medida em que as culturas invadem as fronteiras de outras, os significados culturais mudam, e uma grande variedade de identidades possíveis surgem a partir daí. Em conseqüência disso as pessoas passam a assumir diferentes maneiras de ser, de acordo com as mudanças que a sociedade impõe e também, com o que lhe é conveniente.

Esse quadro delinea um sujeito pós-moderno sem identidade fixa, permanente: *“A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”* (Hall, 1987, citado por Hall, 2004, p. 13).

A estabilidade que é um dos pilares da tradição, em termos de papéis sociais e identidade, proporcionava uma segurança na construção da personalidade do homem. As mudanças sociais e culturais nas últimas décadas, criaram uma grande reviravolta, gerando insegurança e ansiedade nos homens (gênero), porque algumas fontes de valores da identidade masculina ficaram indefinidas, provocando a chamada ‘crise da identidade no homem’.

Parker (1991 citado por Silva, 2000), reforça essa idéia narrando que as tarefas do homem, antes dessas transformações, eram dirigidas para o mundo social mais amplo da economia, política e interações sociais, além do âmbito da família, enquanto os da mulher eram, rigidamente, restringidos e limitavam-se ao mundo doméstico da própria família.

Além disso, nas primeiras décadas do século XX, aconteceram as duas guerras mundiais: as mulheres saíram do espaço privado para o público, criando uma série de questionamentos sobre os papéis sociais, principalmente do homem e

mulher. Enquanto os homens estavam no *front*, defendendo causas políticas, as mulheres tinham que sustentar suas famílias. Assim, a mulher descobriu sua força para o trabalho, como também a sua capacidade de provedora. Com a descoberta do seu potencial, a mulher teve a energia necessária para buscar a sua independência, dando ao início o movimento feminista. (Dorais, 1998). Com isso, a revolução industrial, as guerras, e o movimento feminista, abalaram a construção da identidade do homem, e estas fazem parte do alicerce da construção do masculino. O homem deixa de ser o único provedor de sua família, a força física não é mais diferencial no campo profissional e a mulher agora já não é mais dependente.

O psicólogo Sócrates Nolasco, que trabalha com grupos de homens, também reforça essa crise da identidade. Para ele (Nolasco, 1993) o trabalho e o desempenho sexual são fontes de referência para o homem construir sua identidade. Com a chegada das mulheres ao mercado de trabalho, os homens viram-se invadidos nessas duas referências. Anteriormente, eles competiam pelas mulheres e, atualmente, eles competem com elas. Nas palavras de Goldenberg (2000, p. 28)

A mulher, em vez de ser vista como uma parceira que pode tirar dos ombros do homem uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, transforma-se em rival, disputando poder, emprego e regalias. Não é mais uma companheira a ser conquistada, mas uma inimiga a ser vencida.

Hoje em dia, muitas mulheres já ocupam posição de comando tendo homens com subordinados. Isto, segundo Nolasco (1993), causa estranheza para os homens. “*Esta mutação não ocorre sem causa problemas a uma coletividade masculina que sempre acreditou que as mulheres deveriam mostrar-se submissas aos homens, e não o inverso...*” (idem, p.19). Elas (mulheres) demonstraram capacidade de contribuir para o sustento da família, compartilhando com o homem o papel de ‘provedor’. Este ponto merece uma reflexão: a mulher de classe média de grandes capitais, tem o privilégio de ter a opção de ser ‘contribuinte’ na renda da família. O homem tem a obrigação. A mulher que está desempregada, não é estigmatizada. O homem é. A mulher pode executar uma diversidade de

atividades que não será rotulada; o homem se for trabalhar, por exemplo como cabeleireiro, cozinheiro, confeitoiro e outros, provavelmente será chamado de gay.

Nas palavras de Trevisan (1998, citado por Goldenberg, 2000), o masculino não está tendo crise de identidade, é um gênero em estado de crise permanente, haja visto que o preço da masculinidade (que é algo que deve ser constantemente conquistada pelos gênero masculino), é uma vigilância eterna das emoções, dos gestos, do próprio corpo etc. Para o autor, *“as conquistas do feminismo, por muitos consideradas as grandes responsáveis pela “crise” masculina, não determinaram a crise, apenas a tornaram mais visível”* (p.55).

Além da performance sexual, o trabalho é outro pilar de definição do ser masculino, pois isso mostra a sociedade que já tem condições de se sustentar e ser independente. Segundo Nolasco (1993, p. 51)

Aparentemente, o trabalho confere ao homem um status de independência que se limita ao âmbito financeiro. Uma de suas funções é dissolver o vínculo com a família, tornando-o, sob o pretexto da independência, indivíduo comprometido com uma obsessão “produtiva” e com a reprodução dos valores da ordem capitalista.

Esta obsessão ‘produtiva’ e a reprodução dos valores da ordem capitalista, influenciaram diretamente na dinâmica da construção da identidade do homem. Os padrões do comportamento masculino foram reforçados pelos valores e pelas dinâmicas capitalistas oriundas da revolução Industrial. O homem deseja ter *status*, construir um patrimônio, pois o seu valor como pessoa, como homem de sucesso, é proporcional as suas conquistas materiais. O trabalho para os homens é a maneira de revelar seu poder por isso estão, continuamente, sendo estimulados a se superar, muito deles mantendo a ambição de ocuparem posições de prestígio e que nelas sejam os soberanos. Desse modo, é comum que adotem atitudes agressivas para reafirmarem essa soberania. *“A violência move e sustenta a balança de poder entre os homens, na medida em que funciona como dispositivo para reverter ou manter determinada correlação de forças que lhes é solicitada socialmente”*. (Nolasco, 1993, p. 61).

Com a força física masculina, deixando de ser exaltada como poder, a linguagem do trabalho tem sido para os homens, a expressão da soberania, utilizada para diminuir o sentimento de fragilidade e impotência que sentem perante a vida. “Lutar”, “vencer”, “batalhar”, são termos que os homens costumam usar quando se referem ao trabalho, como se vivessem em pequenas e massificantes lutas diárias. Entretanto, o crescimento do desemprego masculino, (as mulheres se submetem a uma diversidade maior de trabalho), a instabilidade e mobilidade dos empregos tornam difícil o homem se identificar através do seu trabalho. Dorais (1988, p. 19) escreve:

O homem sem trabalho perde o status social que, num mundo capitalista, está ligado ao lugar que ele ocupa na produção de bens e serviços. Ele deve buscar status e identidade em outro lugar: mas onde? Além disso, todos sabem que a aposentadoria é mais inquietante para o homem que para a mulher. Frequentemente, ele investe tanto no trabalho, em detrimento do lar e da vida privada, que a perda deste provoca um trauma difícil de superar. Este é, aliás, um dos fatores que explica a diferença de expectativa de vida entre homens e mulheres²: para estas últimas, o envelhecimento é menos perturbador, por terem investido mais na própria vida privada e familiar, mesmo tendo estado no mercado de trabalho.

O homem sente-se ameaçado em sua identidade, a tradição que lhe dava um suporte de referência, aos poucos, vai deixando de ser valorizada, vai sendo esquecida. De acordo com Goldenberg (2000), a época pós-moderna é marcada pela alteridade, diversidade, flexibilidade, heterogeneidade e gera como consequência muitas incertezas. É essa época cheias de crises (familiares, conjugais, sociais e econômicas), que reforça a crise masculina, tendo como base as mudanças nos papéis femininos e masculinos na sociedade contemporânea.

De acordo com Harvey (1989) o pós-modernismo tem como diretriz sua preocupação com a diferença, as dificuldades de comunicação, a complexidade dos interesses dos lugares e culturas. Huyssens (1984, citado por Harvey 1989, p.109) , afirma que:

² Conforme os últimos dados disponíveis, em Quebec a expectativa de vida é de 72 anos para os homens e de 9,5 anos para as mulheres.

O pós-modernismo tem especial valor por reconhecer as múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidade, de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais.

Aliado a esses fatores, o surgimento da tecnologia foi chegando e em um curto espaço de tempo, substituiu a força física necessária para determinadas funções e que durante muito tempo, foi considerado critério masculino para a escolha de um emprego. *“Todas essas transformações, não apenas exigiram adaptação por parte dos homens, mas mudaram a própria noção de masculinidade.”* (Idem, p. 18) . A capacidade do homem de usar a força física, aliada ao poder para dominar a natureza, as mulheres, as crianças e outros homens, estas serviam para afirmar a sua masculinidade. Há quatro mil anos, de acordo com Muraro & Boff (2002) o objetivo do homem era a busca para dominar o mundo, apoderando-se dos segredos da natureza para servirem aos interesses dos humanos, tendo o propósito de ser o possuidor de todas as coisas. Boff (2002) enfatiza esse desejo do homem com as seguintes palavras:

Nos últimos cinquenta anos, munido de imenso aparato tecnocientífico, o homem, mais que a mulher, levou até as últimas conseqüências este seu propósito. Isto gerou um impasse fundamental para o seu próprio futuro e para a vida do nosso planeta. Devastou a Terra, explorou até o limite da exaustão quase todos os recursos dos ecossistemas, ameaçou de extinção milhares de espécies de vida, degradou a qualidade global da vida, mercantilizou praticamente todas as relações sociais e naturais e, culminando, construiu o perigoso princípio de autodestruição. (Muraro & Boff, 2002, p.20)

A tecnologia trouxe a tevê, que é uma das ferramentas mais poderosas em termos de influência na vida dos brasileiros. Uma das características da nossa tevê é o nível do erotismo, inclusive em programas ditos infantis. *“Na história humana, a construção do sujeito moral fez-se lenta e gradualmente; a televisão tem lançado mão de sua morte e banalização.”* Nolasco (citado in Jacobina e Kühner, 1998, p.152)

O referido autor (idem), ressalta ainda a grande influência no Brasil das telenovelas. Estas tentam imitar a vida, mas baseadas em uma moral que valoriza a aquisição de bens, totalmente orientada ao consumo. Cada dia é maior o tempo que as pessoas passam na frente da TV, que funciona para as pessoas como uma referência para a compreensão de si e do mundo. Até a década de 60 os homens eram os heróis nas novelas. Atualmente, são as mulheres que são a fonte de aprendizado e referência. Nas palavras de Nolasco (idem, p.154)

Por outro lado, os homens deixam de ser o sujeito em torno dos quais se desenvolvem as ações e passam a acompanhar o crescimento e o fortalecimento dos personagens femininos. Os personagens masculinos são truculentos, conflituados, superficiais ou ainda infantis. Hoje, na tevê, as ações são determinadas por “heroínas”. Tanto na programação infantil quanto na adulta, a situação é a mesma. Homens sensuais, bonitos ou sem camisa apontam para um tempo o ‘homem objeto’.

Características como ambição, poder, corrupção e violência têm sido destinados para composição dos papéis masculinos. Nolasco (idem) menciona que ainda não é presenciado o surgimento de ‘novos’ modelos de homem. Além disso, a variação de papéis masculinos é muito pequena se comparada com a multiplicidade dos tipos femininos. Não são exibidos papéis de homens que discutem sua nova postura, homens que foram atualizados com a revolução feminina. No Brasil, nesta pós-modernidade, a tevê é um das maiores influências no comportamento social.

A sociedade pós-moderna é extremamente complexa. Com a queda de barreiras entre as diversas culturas, nações e continentes, criou-se um mundo globalizado. Esse mundo, de acordo com Hall (2004) atua numa escala global, que atravessa fronteiras nacionais, conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, interconectado. Como consequência, há a economia que se integra e funciona como um todo único. Percebe-se uma mistura de raças, povos e costumes, em que os valores culturais mudam numa velocidade vertiginosa, fazendo com que as pessoas percam os referenciais culturais que serviram de modelo ao longo de gerações. Presencia-se uma perda de identidade nacional, grupal, da família e

sexual. É a época do relativo, onde existem várias verdades, não há ideologia, regras sociais, cada pessoa tem sua verdade. O importante é o presente, viver o agora.

De acordo com Nolasco (2001) estabeleceu-se um critério na modernidade para que o sujeito não se satisfaça com coisa alguma. *As referências de masculinidade que até então adivinham da observação da natureza – força física e virilidade – entram em declínio.* (idem, p. 299). Além disso, a modernidade destaca-se em se opor ao mundo tradicional. Como efeito, ocorre a dessacralização dos valores que eram caros àquele mundo. Nolasco prossegue sua reflexão:

As sociedades contemporâneas, através da radicalização do fracasso das figuras do Estado, do pai e da lei, potencializaram ainda mais o impacto da dessacralização, estendendo ao cotidiano até a representação social do sujeito... No que diz respeito à representação social masculina, a banalização se institui como uma forma de violência contemporânea, na medida em que elimina a história do sujeito.

De acordo com Bauman (1998) , essas mudanças que significam racionalização e flexibilidade repercutem para o ser humano como ações inexplicáveis, estando além da capacidade humana. Segundo suas palavras (p.50 e 51):

Empregos vitalícios já não existem. Na verdade, empregos como tais, da maneira como outrora os compreendíamos, já não existem. Sem estes, há pouco espaço para a vida vivida como um projeto, para planejamento de longo prazo e esperanças de longo alcance. Seja grato pelo pão que come hoje e não cogite demasiado do futuro...O símbolo da sabedoria já não é a conta de poupança. Atualmente, pelo menos para os que podem se dar ao luxo de ser sábios, passou a ser os cartões de crédito e uma carteira cheia deles.

No ponto de vista da autora do trabalho, o homem pós-moderno busca aproveitar a vida ao máximo, principalmente o momento, como se na vida não houvesse uma responsabilidade, uma ética, com o próximo, com a comunidade, com a humanidade. O importante é ir em busca de sua felicidade, esteja onde

estiver, pois o amanhã é uma incógnita. Todos querem viver fortes sentimentos de prazer. Esse sentimento, provavelmente, teve seu despertar com as guerras mundiais, bombas de Hiroshima como também as perspectivas de guerras atômicas, doenças incuráveis, destruições provocadas pela natureza, como *Tsununami*, na Polinésia Francesa em dezembro de 2005 e o atentado de 11 de setembro de 2001, ao World Trade Center. Todos esses fatos, aliados a globalização, formam uma idéia de ausência de perspectiva de futuro, dispensando-se a manutenção dos valores e referências.

No presente, não há características dominantes, que forneçam bases para a construção da identidade masculina, principalmente quando é muito difícil definir essa identidade. É mais fácil escrever o que o homem não é, do que identificar o que ele é. Nas palavras de Badinter (1995, citado por Goldenberg, 2000 p. 49):

... ser homem significa não ser menino, não ser homossexual, não ser dócil, dependente ou submisso; não ser feminino na aparência física e nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres .

Já Nolasco (1995, citado por Goldenberg 2000) afirma que as características, socialmente, prescritas para o atual papel masculino exigem que “um homem de verdade” seja viril, conquistador e competitivo sexualmente. No ponto de vista da autora deste trabalho, a construção da identidade deve ser baseada em valores de ética, moral, respeito, sem estereótipos. Há grupos de homens que já estão preocupados com estes aspectos. Psicólogos, sociólogos, filósofos têm formado grupo de homens, para falar dos sentimentos, paternidade etc, normalmente, liderados por um psicólogo ou sociólogo. Pode-se citar por exemplo, nos Estados Unidos, Warren Farrell (professor da Escola de Medicina da Universidade da Califórnia e da Escola de Psicólogos Profissionais) que já formou mais de 600 grupos terapêuticos de homens nos EUA, segundo entrevista concedida a revista *Veja* de 20/05/2002, edição 209 (Anexo IV). Em Québec, através de Guy Carneau e no Brasil, pode-se citar o psicólogo Sócrates Nolasco, que já escreveu livros sobre o masculino, e também lidera grupos de homem na tentativa de encontrar sua identidade e o que é esperado em termos de papéis sociais.

De acordo com Jung, na vida deve-se ter duas metas distintas (Salles³ citado por Boechat, 1997): procriação e proteção dos descendentes, conquistas não materiais. A primeira meta é para o indivíduo se estabelecer financeiramente, conquistar uma posição social, etc. Nessa primeira fase da vida ocorreriam as diferenciações, as identificações com o masculino ou o feminino e a integração de um desses pólos instintivos, de acordo com sua cultura. Quando os objetivos dessa meta são alcançados, ele irá em busca das conquistas não materiais, irá buscar sabedoria, entendimento, irá voltar-se mais para o mundo interior. Grandes partes dos homens, resistem a entrar na segunda fase, pois isso é um prenúncio que está se caminhando para a velhice. Em um país, extremamente jovem como o Brasil, essa resistência acontece porque a cultura não é valorizada, é um país emergente, onde se exhibe mais qualidades exteriores, do que interiores.

Cabe as mulheres, que têm a habilidade natural para falar de emoções e sentimentos, apoiar e ou proporcionar ao homem um espaço em que ele possa ir em busca de homem interior, dessas conquistas não materiais, que ele também possa expor suas questões de foro íntimo. Ao mesmo tempo, cabe ao homem desejar esta transformação. Para as mulheres (classe média – grandes cidades) não é difícil mostrar-se corajosas, articuladoras no meio profissional, independentes, auto-sustentáveis, que sabem concorrer com o masculino. Mas, não pode deixar de se observar que uma mulher que tenha conquistado sua independência, usando recursos considerados masculinos, não carrega o estigma de ‘mulher macho’, sendo vista como ‘batalhadora, vencedora’. Entretanto, na sociedade atual, quando um homem consegue falar de sentimentos, expressa suas emoções com choro, abatimento e tristeza, e que esteja ainda passando pela primeira metade da sua vida, poderá ser rotulado como um sonhador, ou um provável homossexual, justamente, por ter essa sensibilidade acentuada.

Praticamente todas as mulheres estão cientes do valor das conquistas obtidas com a revolução feminina, para descobrir seu potencial, adquirir o seu próprio respeito, bem como o respeito do homem. Mas, esta revolução foi viabilizada fazendo uso de aspectos masculinos, não de aspectos femininos. Para a liberação da opressão que a mulher feminina sofria, foi necessário que ela usasse sua força, sua competitividade, e deixasse de lado sua sensibilidade, suas emoções. Aos

³ Carlos Alberto Corrêa Salles: Médico psiquiatra, analista graduado pelo C.G. Jung Institut-Zurich

poucos, ela (mulher) ganhou o respeito dos homens, mas ainda existem cobranças de ambos os lados. Talvez este seja o momento de iniciar um resgate do feminino na mulher, pois esta, no ponto de vista da autora do trabalho, é sua característica predominante, e quem sabe, desta maneira, ajudar as pessoas a desenvolver um pouco o altruísmo.

E quanto aos homens, como é possível os apoiar no desenvolvimento da porção feminina, sem que sejam criados rótulos, sem discriminação? Como seria uma sociedade onde fosse possível encontrar o equilíbrio entre o masculino e o feminino? Uma sociedade na qual homens e mulheres encontrassem um meio de perceber e compreender o outro, nas suas características predominantes? Não ficaria somente ao cargo de um único gênero. Deve ser uma via de mão dupla: o colocar-se no lugar do outro, com seus sentimentos, pensamentos, racionalizações e intuições. A mulher ao ajudar o filho, marido, amigo, colega a desenvolver o feminino (falar sobre emoções, compartilhar os problemas, angústias) , provavelmente, torna-lo-ia mais livre, sem a rigidez dos papéis ainda impostos pela sociedade. E para a mulher de classe-média, pós-moderna, provavelmente, isso representaria tirar um peso de ser a maior responsável pela educação e referência de identidade para os filhos.

Capítulo II - Relação Pais e Filhos - Transmissão do Masculino

*Não estás mais distante
do continente
do que até mesmo esses rochedos graníticos?
Talvez eu te queira
ainda mais distante da terra
do que estas ilhas de Aran
te queira à margem
de todo sentimento humano.
Robert Bly*

Esse capítulo tem o objetivo de trazer uma breve reflexão das idéias de como, atualmente, o masculino está sendo construído, como os pais passam seus valores, conhecimentos, cultura, sentimentos, principalmente para os filhos do sexo masculino.

Nolasco (1988) que coordena grupos de homens para refletir sobre a condição masculina, cita a 'paternidade' como um dos assuntos mais relevantes. Se considerada a história humana, a noção da paternidade é recente. Há seis ou sete milênios é que as sociedades mais adiantadas descobriram a relação entre o ato sexual e a procriação, levando os homens a tomar consciência da paternidade. Para esse autor, a descoberta da paternidade, juntamente com a valorização da força física, constituem os primeiros traços da representação masculina. A partir daí a homossexualidade foi marginalizada ao mesmo tempo em que o casamento heterossexual foi enaltecido. Com estes fatores enalteceram o machismo que também potencializaram, em nível social, a manutenção e o incentivo à violência. Nolasco (1988, p. 38) reflete:

Toda esta reavaliação que está ocorrendo na identidade masculina faz com que repensemos o caminho seguido pelos homens em direção à compreensão deles mesmos e ao sentido que formularam para a própria vida a partir dos modelos de masculinidade que lhes serviam de referência, adotados pelo pai e pelo avô. Estes por sua vez mantinham-se distantes afetivamente, posicionando-se diante de filhos e netos como juizes zelosos e preocupados com suas performances na vida.

Bly (1991) cita que encontrar exemplos de um tipo de pai 'bom, próximo ou amigo' nos livros de contos de fadas ou na mitologia, é muito difícil. Por exemplo, nas histórias do Rei Artur, ele surge como um homem que irradia generosidade, coragem, mas como tio, como iniciador e guia de jovens, não como pai. Muitos jovens se frustram quando esperam encontrar no pai o mesmo tipo de afeição materna. O que o pai dá para os seus filho, não é o mesmo tipo de proximidade oferecido pela mãe. E alguns homens terão que se satisfazer com uma relação paterna que não é próxima.

É um fato muito importante se todos compreendessem a diferença entre o amor materno do paterno. Tanto pais para saber a sua influência no desenvolvimento de seu filho, e os filhos, para poderem compreender seu relacionamento afetivo com pai. Os primeiros meses e anos da criança são aqueles em que sua ligação mais estreita é com a mãe. Com o passar do tempo, a criança torna-se mais independente: aprende a andar, a falar, a explorar o mundo por si. Seu relacionamento com a mãe vai perdendo o significado vital e, em lugar disso, a relação com o pai torna-se cada vez mais importante. (Fromm, 1995)

De acordo com Fromm (1995) pela sua própria natureza o amor materno é incondicional: a mãe ama a criança recém-nascida porque é seu filho, e não porque o filho tenha preenchido a qualquer expectativa específica. O amor incondicional corresponde a profundas aspirações de qualquer ser humano. *“Não é de admirar que todos nos apeguemos ao anseio pelo amor materno, como crianças e também como adultos”*. (idem, p.56). Por outro lado, existe o amor condicional, aquele que o ser é amado em razão dos próprios méritos, por merecê-lo. Mas esta condicionalidade sempre deixa dúvidas, pois a pessoa pode pensar que não está agradando o alvo do seu amor, e fica sempre com o receio que esse amor possa desaparecer. A relação de amor com o pai é completamente diferente da relação com a mãe. Nas palavras desse autor (p.56):

A mãe é o lar de que proviemos, é a natureza, o solo, o oceano; o pai não representa qualquer desses lares naturais. Tem pouca ligação com o filho nos primeiros anos de sua vida e sua importância pra a criança, nesse período primitivo, não pode ser comparada com a da mãe. Se, porém, não representa o mundo natural, o pai representa o outro pólo da existência humana: o mundo do

pensamento, das coisas feitas pelo homem, da lei e da ordem, da disciplina, das viagens e da aventura. O pai é aquele que ensina ao filho, que lhe mostra a estrada do mundo.

Esse autor cita ainda que o amor do pai ficou condicional a partir do desenvolvimento sócio-econômico. Quando a propriedade privada começou a existir e quando esta pode ser herdada por um dos filhos, o pai começou a escolher aquele filho a quem deixaria seus bens. Normalmente, ele escolhia aquele que mais se parecia com ele, ou que preenche suas expectativas, sendo seu princípio “Amo-te porque preenches minhas expectativas, porque cumpre o teu dever, porque és como eu”. No amor paterno, tem um aspecto positivo e um negativo. O aspecto negativo está no fato que o amor deve ser merecido, de que ele pode não existir ou ser perdido se não se faz o que é esperado. O aspecto positivo está no fato que a pessoa pode fazer algo para adquirir aquele amor, pode trabalhar por este amor, ele não é do meu controle. “*Pertence à natureza do amor paterno o fato de tornar-se a obediência a principal virtude e a desobediência o principal pecado – sendo sua punição a retirada do amor paterno*”. (idem, p. 57).

A criança necessita do amor incondicional da mãe, no início pela sua sobrevivência, para seus cuidados, fisiológica e psicologicamente. O filho, após seis anos, começa a necessitar com mais evidência do amor do pai, de sua autoridade e orientação, segundo Fromm (1995). No ponto de vista da autora deste trabalho, essa necessidade surge a partir dos quatro anos de idade. As crianças, nesta pós-modernidade, têm muitas informações e estão testando os limites dos pais antes dos seis anos de idade. Ainda de acordo com Fromm (idem) a função paterna é ensinar e guiar o filho a enfrentar os problemas na sociedade em que nasceu. O amor do pai deve ser guiado por princípios e expectativas; deve ser paciente e tolerante, mais do que ameaçador e autoritário. “*Deve dar à criança que se desenvolve um sentimento crescente de competência e acabar por permitir-lhe que se torne sua própria autoridade e dispense a do pai.*” (Fromm, 1995, p.58)

Nota-se na sociedade contemporânea, poucos são os pais que têm o esclarecimento sobre a importância da sua função na vida de seu filho. Segundo Bly (1991) em muitas culturas tradicionais essa educação, esse cuidado, essa atenção são proporcionados por homens mais velhos que o pai. Muitas vezes representado

através do avô, de um mestre, de um tio. O poder que o velho tem de educar começou com o alicerce lançado pela educação feminina, o calor, o amor materno. Bly reflete (p.114):

Mais tarde, o menino passa para os cuidados da terra, com a qual aprende a caça, o frio, o vento, o tempo. Quando a base materna e da companhia da terra está formada, então o homem velho pode entrar em cena e trazer a educação masculina e sua visão.

Silva (2000) cita que numa sociedade machista, como a brasileira, a falta de afetividade, principalmente entre pai e filho (sexo masculino), ainda é muito evidente. Nos seus estudos, encontrou como relevante duas funções importantes de um pai com seus filhos que são: estabelecer uma relação amorosa com esses, permitindo a criação de um vínculo forte e separar o filho da mãe (no sentido da simbiose mãe/filho). Este autor, cita que nos primeiros anos, a mãe é para os filhos (meninos e meninas), a figura mais importante que transmite amor, prazer, vida, segurança, ternura e percebem o pai como um intruso. Um pouco mais tarde, os filhos sentem que devem renunciar a essa ligação com a mãe e faz a seguinte reflexão (Idem, p.84): .

Um pouco mais tarde, quando a dura realidade mostra a ambos que tão angustiante conflito somente encontra solução na renúncia ao objeto do seu amor (pai ou mãe), e na busca de outro que o substitua, o menino terá de abrir mão da primeira e mais significativa fonte de amor e segurança de qualquer ser humano: a mãe, ou quem lhe faça as vezes. À menina, ao contrário, resta a alternativa de com ela identificar-se, desistindo do pai, este de menor significado.

O pai sente-se incomodado com o carinho e a atenção que a mãe pode estar dedicando ao filho homem, evidencia Silva (2000). Já em contrapartida a mulher, geralmente, não se sente incomodada em ver o pai sendo carinhoso com a filha. A partir daí, o menino já é preterido em questões de receber carinho. Beauvoir (1949), ressalta muito bem esse fato, ao dizer que aos poucos é negado aos meninos, beijos e carinhos, enquanto as meninas, continuam grudadas na saia da mãe, dando e recebendo carinhos e no colo do pai, que lhe faz festas. As diferenças na maneira de educar menino e menina vão se tornando mais evidentes. As roupas das meninas são mais macias, delicadas, as mães as penteiam, ensinam a se cuidarem,

a se olharem no espelho e quando as meninas choram, todos correm para acudi-la. Ao contrário com os meninos, estes recebem orientações como *'um homem não pode beijar'.... 'um homem não chora' 'um homem não se olha no espelho'...* (Silva,2000) . Gikovate (2000) reforça esse pensamento afirmando também que o menino deve ser mais duro, forte, tem que suportar melhor as dores, quando se machuca, não deve ter medo das pessoas, nem de animais, nem de fantasmas. Desta maneira, o menino começa a guardar seus sentimentos, a não compartilhar suas emoções, ensinando-lhes uma precoce independência e isolamento.

Cowan & Kinder (1988) explicam que a independência do menino inicia-se por volta do seu segundo aniversário: *"aos poucos eles percebem que são diferentes de suas mães e mais parecidos com seus pais."* (p. 20) Desta maneira, os meninos começam a imitar seus pais e *'percebem que a autonomia está no centro da masculinidade'* (idem)

É claramente percebida, a diferença de tratamento que um pai dispensa ao filho homem e a filha mulher. Com o menino há mais impaciência, rigidez, rigor, implicância. Com as meninas sempre há mais complacência. Se o menino tem uma irmã, mais velha ou mais nova, ele poderá vivenciar como o pai, normalmente, é mais exigente e rigoroso com ele do que com a irmã. O pai é severo e exigente com o filho. Com a filha, é todo amoroso e permissivo. Ela pode fazer o que quiser, pode chorar, ter medo pois seu pai está ali pra protegê-la. Esta maneira de agir dos pais para com seu filho, não é só para criá-lo mais competitivo, mas é o pavor que os pais têm de que seu filho se transforme em homossexuais. (Gikovate, 2000)

Silva (2000) e Gikovate (2000) afirmam que esse conflito inicia-se entre três e sete anos e, normalmente, ocorre até por volta dos nove. Neste momento, o menino percebe que não pode ter a mãe para si e adota a solução que lhe parece ser a mais fácil, busca identificar-se com o pai. Nas palavras de Gikovate, p.58:

O menino não consegue entender o que se passa. Ama a mãe de uma maneira muito intensa, tem um elo físico com ela, se fica longe muito tempo dela se ressentido. Isto ocorre principalmente a noite, pois durante o dia está brincando. Aprendeu a amar e admirar o pai, que em determinadas horas é muito legal com ele. Sabe que é da mesma 'classe masculina' e que deve aprender com ele a ser homem. Se ressentido muito do fato dele não ser tão carinhosos e gentil como é com

sua irmã. Não entende a razão deste tratamento tão diferente; não entende a reação da irritação e implicância maior com seus erros e suas artes. Tenta vários modos de ser para agradar o pai e para obter dele o mesmo afeto que a irmã tem e nada consegue. Pode tentar até ter atitudes 'de mulher', mas isto então provoca reações piores ainda; porque na sua lógica, se ele agir como a irmã, seria mais amado pelo pai.

Mas como obter essa identificação? No atual quadro que se vive, qual o tempo que um pai tem para o seu filho? Como o filho pode buscar valores no seu pai? Com o sistema econômico exigindo cada vez mais trabalho dos adultos, essa convivência fica muito prejudicada, comprometendo seriamente essas funções. (Boechat, 1997).

Bly (1990) cita que apenas decorridos 140 anos desde que o trabalho industrial passou a ser desenvolvido no Ocidente, é claramente percebido a cada geração que surge, uma grande falta de criar os laços entre pai e filhos. O pai antes da revolução industrial, trabalhava no campo com os filhos, e estes presenciavam as atitudes, o comportamento e atuação do pai no trabalho, diante do esforço empregado e perseverança para buscar o conforto e sustento da família. Segundo Alexander Mitscherlich (1969, citado por Bly 1990), com a sociedade industrial, o filho não vendo o local de trabalho do pai, o que o pai produz, como ele poderá criar uma imagem de herói, um lutador do bem? O autor usa a seguinte metáfora de um 'buraco na psique do filho' por haver essa ausência de convivência.

Um pai ausente é incapaz de ser pai, contribuindo para a separação da família e como resultado, um empobrecimento a relação do pai com seu filho. Os valores emocionais, subjetivos, vão se perdendo, e surge o típico homem pós-moderno, um ser racionalista, tecnocrata, mecanicista, trabalhando a serviço a produção dos bens de consumo (Bly, 1990). Com essa convivência restrita e o homem sempre assumindo um papel que lhe é exigido, os filhos não têm contato com o verdadeiro homem, que está por trás do papel de pai. Este homem, 'pai provedor', não tem incertezas, inseguranças, medos, sofrimentos para seus filhos. Este homem está sempre preocupado com o sustento da família, com a violência que há na rua, com o desemprego e estresse profissional. Muitas vezes, para manter seu emprego, tem contato com ações que são contrárias aos seu ideais de

juventude, mas que deve ser calado, por ter ainda a responsabilidade de prover a família. (Silva, 2000)

De acordo com Bly (1990) esse vazio que a ausência paterna provoca nos seus filhos homens, tem como consequência um buraco na mente de seus filhos, onde surgem imaginações, fantasias e desconfianças dos homens mais velhos. Este autor cita ainda que foi na década de 1960 que surgiu o dito popular: 'Não acredite em ninguém com mais de 30 anos'. Dessa maneira inicia-se um processo no qual os filhos recebem temperamento do pai e não mais ensinamentos. Nas palavras de Bly (1990, p.91):

Se o pai trabalha para uma empresa, o que tem para ensinar? Ele reluta em dizer ao filho o que realmente acontece. A fragmentação da tomada de decisões na vida empresarial, o esforço maciço que leva as empresas a destruírem o meio ambiente em favor do lucro, a prudência, a covardia mesmo, que se aprende na burocracia – quem quer ensinar isso?

Biddulph (2003), confirma este distanciamento entre pai e filho narrando que, além da revolução industrial, o desaparecimento dos povoados, os homens, praticamente, sumiram da vida das crianças, deixando como consequência “.. a fase mais carente da presença do pai de toda a história da humanidade. (p.10)”. Em um curto espaço de tempo, os povoados e as comunidades se desintegraram e o trabalho passou a ser o único objetivo, e a presença dos homens foi sumindo na vida das crianças. Um dos principais alicerces da estrutura no desenvolvimento de uma criança, a paternidade, ficou extremamente abalada. Os garotos das últimas gerações têm tido dificuldades de encontrar referências dos valores do masculino. O que se percebe, de uma maneira geral, são valores machistas sendo repassados.

Cury (2003) cita ainda uma outra situação: o divórcio. Quando este acontece, é comum o pai prometer aos filhos que jamais os abandonará. Mas quando o sentimento de culpa vai diminuindo, alguns pais se divorciam também de seus filhos, muitas vezes mantêm a convivência física, mas a emocional vai se perdendo. O pai deixa de passar momentos agradáveis, importantes com os filhos, perdendo aos poucos o vínculo primordial.

De acordo com Nolasco (1993), essa ausência e o silêncio do 'pai' criou uma identificação desse como homem que não se interessavam estar afetivamente ligado a seus filhos. “*Para esta ‘linhagem’ de pais, a estrutura de vida está centrada fora das fronteiras e das demandas familiares*” (idem, p.149). Os atuais estudos sobre a paternidade, buscam quebrar o parâmetro do pai investido de autoridade, do 'pai herói', 'pai protetor'. Criou-se essa imagem, e o homem mais uma vez é apresentado com um papel no qual a força e a segurança devem ser suas qualidades mais relevantes. Seus sentimentos, seus medos devem ser guardados, pois demonstrariam fraquezas.

Segundo Hurstel (1999), essa ausência da figura do pai causa diretamente a falta da função paterna, que segundo a psicanálise de Lacan, tem como responsabilidade desenvolver no filho a segurança e a sociabilidade/ humor por volta dos dois anos de idade. Esse processo foi denominado pelo psicanalista Lacan, por volta de 1955, de '*metáfora paterna*'. Nas palavras de Hurstel (1999,p. 12)

Mas quais são ou serão as conseqüências desse abrandamento (se não apagamento) da função paterna? A psicanálise, Lacan à frente, nos demonstra em sua clínica que a função paterna desempenha um papel absolutamente central na saúde psíquica do sujeito. Sua ausência, seu exagero, sua ambivalência produzem devastações diferentes no indivíduo. As diversas patologias que a psicanálise detecta em sua escuta têm, elas todas, fundamento na maneira como a mãe se coloca perante a criança em relação à função paterna. (...) O desequilíbrio na função paterna gera os vários tipos de neurose, de perversões, de homossexualidade ou transexualidade. A maneira como se vive o efeito da função paterna é determinante do tipo de patologia de cada sujeito”.

Já Nolasco (1988) cita que a falta de referência de um pai para seu filho acontece porque, para esse pai, faltou-lhe referências positivas: o masculino foi mal formulado, mal transmitido. Em um recente estágio de observação num centro de readaptação para toxicômanos, este autor pode constatar que a grande maioria dos problemas dos jovens estavam vinculados com a indiferença, com os abusos ou com a rejeição por parte do pai. Nas palavras deste autor (p.75)

Certamente, essa carência não deve servir de desculpa para os descaminhos ou os fracassos dos filhos, mas ajuda a compreendê-los melhor. Nós sabemos que o ser humano possui uma faculdade de adaptação que lhe pode permitir suprir essas faltas e encontrar respostas criativas às suas necessidades não preenchidas. Mas isso não ocorrer sem tropeços e sem choques. o pai era geralmente o personagem central dos dramas por eles evocados.

A partir de 1970, o tema sobre o pai, sua exclusão da vida dos filhos, essa ausência, surgem em filmes⁴, artigos e mesmo assim, nas últimas décadas, o homem tornou um ser passivo, segundo Bly (1990), . Este homem tende a fugir do seu papel de pai, porque além deste papel requerer sentimentos, necessita também realizar tarefas consideradas por muitos, como aborrecidas tais como: levar os filhos à escola, comprar-lhes jaquetas, comparecer a reuniões de escola, estabelecer horários e regras de comportamento, decidir as reações quanto tais regras são violadas, vigiar os amigos do filho, ouvir o que a criança diz com interesse, etc. O homem passivo deixa isso para sua mulher pois ele não sabe ainda lidar com os sentimentos. Goldenberg (2000, p.23) reflete:

A questão é que as crianças crescem a partir de modelos, e a mãe hoje virou uma espécie de ‘mulher maravilha’ – que trabalha, administra a casa e cuida dos filhos – e o pai, ao perder a condição de provedor exclusivo da casa, ora compensa isso trabalhando mais ora simplesmente se afastando da família. Especialistas da área apontam que, para os meninos, a situação está ainda mais complicada do que para as meninas, já que, enquanto as mulheres adquiriram mais poder, os homens perderam.

Para completar esta idéia, de acordo com Bly (1990) a desconfiança que os filhos homens desenvolveram pelos homens mais velhos, não é boa para a estabilidade do filho. Tendo consumido grande parte de sua energia crítica, cínica, na desconfiança dos mais velhos, o filho pode compensar, sendo ingênuo em relação às mulheres – ou homens – de sua própria idade. Um homem contemporâneo supõe, muitas vezes, que a mulher sabe mais do que ele sobre um

⁴ Um homem em estado interessante (1973), Kramer versus Kramer (1980); Os Compadres (1983), Três solteirões e um bebê (1985), Um père et passe (1989) etc. (Hurstel, 1999)

relacionamento, deixa que o temperamento dela governe a casa, supõe que quando ela o ataca, o faz 'para o bem dele'. Nas palavras de Bly (1990, p. 91):

O filho pode ser igualmente crédulo nos negócios:deixa que outro homem da sua idade lhe roube o dinheiro, ou aceita uma humilhação de outro homem, sob o disfarce da amizade ou da lição. Concentrar toda a desconfiança apenas num ponto contra os homens mais velhos – é uma atitude que geralmente leva ao desastre nos relacionamentos e a um grande isolamento do espírito e da alma.

Podemos esperar que, na próxima década, esses demônios da desconfiança provoquem danos cada vez maiores e à visão que os homens têm do que um homem deve ser, ou do que significa masculino. Entre 20 e 30% dos rapazes americanos vivem hoje em sua casa sem a presença de um pai, e os demônios têm ali plena permissão para agir.

Muitos homens para resolver esses questionamentos, buscam terapia, análise, para falar sobre os seus sentimentos, fraquezas, medos e inseguranças. Segundo Boechat (1997) os homens estão vivendo dilema entre seus sentimentos internos, e o comportamento externo que a sociedade espera deles. Estes sentimentos de confusão são resultados das intensas mudanças ocorridas nos referenciais culturais na chamada pós-modernidade. Este autor cita ainda, que muitos anseiam o retorno da figura paterna. Aquele papel que é referência de estabilidade, disciplina e ordem na família, podendo estender seu poder ordenador para toda a sociedade. Boechat faz a seguinte reflexão (1997, p. 17):

O desempenho do papel do pai é automático, e as pessoas se esquecem de que, como todo papel, este também é aprendido, desenvolvido, e não se desdobra automaticamente do fato do homem ter um pênis e ter gerado um filho.

Biddulph (2003), reforça essa idéia afirmando que a grande maioria dos homens não tem vida própria, eles vivem um grande papel. Eles têm dificuldade de buscar se conhecer, dificuldade de falar de seus sentimentos, contrários as mulheres, que a cada dia que passa, mais sabem quem são e o que querem. “O movimento feminino ajudou muito, mas as mulheres sempre tiveram mais contato entre si e com seu próprio eu.” (Idem, p. 6). A 'mulher tem a opção' o 'homem tem a obrigação' do sustento. Mas já é percebido um leve movimento do homem na

busca de respostas para seus questionamentos. Um grande obstáculo é a cobrança social na vida do homem.

Na sociedade brasileira há poucas décadas atrás, segundo Roberto DaMatta (1997, citado por Goldenberg 2000), quando um menino nascia, já existia um comportamento pré-estabelecido, devendo ter atitudes, hábitos e desejos masculinos. O modo de cortar e pentear seu cabelo, o vestuário, comida, bebida, sapatos e as meias podiam ser vistos como ausência ou deficiência no quesito 'masculinidade'. Atualmente, não existe mais esse *script*, e aos poucos, esses valores que eram passados pelos pais, deixaram de existir. De uma maneira geral, a educação dos filhos passou a ser 'terceirizada' passando esse ofício ser responsabilidades dos colégios, escolinhas de línguas estrangeiras, cursinhos de esportes, babás, TV, Internet.

Para poder pagar todo este 'artefato ocupacional' do tempo dos filhos, os pais trabalham muito. De acordo com o sociólogo Santos (2003), nas três últimas décadas a sociedade capitalista aos poucos, transformou-se em uma sociedade de lazer. Os ganhos de produtividade com o avanço da tecnologia, a automação, a robótica, a globalização da economia, que poderiam reduzir as horas de trabalho, acabou aumentando essas horas. Com essas horas trabalhadas a mais, sobra menos tempo para a família. A cultura do consumismo, paulatinamente, foi entrando na vida dos trabalhadores, e os ganhos de produtividade, foram transformados em ganhos de rendimentos, e não em menos horas de trabalho. Santos, (2003 p.309) cita:

Em vista disto, a centralidade do trabalho e da produção, ao invés de diminuir, tem de fato aumentado. E a razão para isto reside na crescente mercadorização da satisfação das necessidades e na cultura que lhe está associada e a legítima – o consumismo. Através delas, o crescimento infinito da produção ocorre simetricamente com o crescimento infinito do consumo e cada um deles alimenta-se do outro.

Os pais para compensar a ausência, querem dar mais presentes aos filhos, e com isso devem gastar mais. Para gastar mais, devem trabalhar mais, pois os jovens nasceram em uma época que o ter é hipervalorizado, e o ser, foi esquecido.

A mídia, *Internet* seduz, diariamente, as pessoas. Os estímulos são rápidos, prontos. O limiar do prazer, os valores foram se modificando e a rotina diária não traz mais prazer, 'necessita-se' sempre de algo novo a ser explorado. Os meninos foram se transformando em adolescentes, depois homens, mas sem ter um aprendizado real de seu papel. Não é mais passado conhecimento, valores, habilidades, que atendam seus desejos, suas dúvidas. Segundo Cury (2003), nos dias de hoje, as crianças e os jovens aprendem a lidar com fatos lógicos, em um mundo tecnológico, no qual tudo é programado em contrapartida, não sabem lidar com os conflitos existenciais, pois estes não são programados.

Os jovens estão sendo treinados apenas para o sucesso, para serem vencedores. Os pais não têm tempo de educar os filhos, estimulando funções, que no ponto de vista da autora deste trabalho, são mais importantes do que ser um vencedor, "*tais como, contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as idéias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor* (Cury, 2003 p.15). O jovem é criado com um modelo de comportamento que valoriza a competição, a violência, a falta de sensibilidade, como atributos masculinos,"... *em oposição à incorporação de uma linguagem afetiva em seu cotidiano.*" (Nolasco, 1993 p.13). Talvez os pais gostariam de usar mais a linguagem afetiva, mas também como não lhes foi ensinado, eles não sabem como agir, pois não tiveram orientação de seus próprios pais. Este autor ainda cita, (p. 13)

A revisão do papel e da atuação do pai e sua inserção no cotidiano da casa fazem com que os homens reflitam sobre a relação com seus próprios pais, para nela identificar, na maioria das vezes uma experiência de abandono, esquecimento e tensão. Por outro lado, os homens começam a perceber que este sentimento de abandono também foi experimentado por seu pai e seu avô.

Biddulph (2003) reforça esta idéia no qual a educação e o crescimento do menino-adolescente-homem segue incompleto. Nas palavras deste autor (p 11):

Os textos de antropologia estão cheios de relatos da preparação de jovens para uma vida adulta responsável e segura. Mas a nossa cultura não tem tempo para tal preparação; está ocupada demais ganhando dinheiro. Há quase cinco gerações, a

relação pai / filho vem se enfraquecendo. O período do dia que o pai passa com os filhos interagindo, conversando, rindo, brincando, ensinando pode ser contado em minutos, na melhor das hipóteses.

O consumismo está em alta, a geração de pais da década de 80, quis dar o melhor para os filhos e os jovens. Procura-se dar os melhores brinquedos, roupas, viagens, intercâmbios e escolas. E como estão esses jovens? Felizes, satisfeitos? E os pais, como estão seus sentimentos em relação a isso? Segundo Dorais (1988), não é só os filhos que sentem a ausência dos pais. Existe uma hipótese: os pais estariam tão carentes de filhos como os filhos estão carentes dos seus pais, conforme suas palavras (p.76)

Adotando a máscara da indiferença, da intransigência ou da dureza, os homens se privam de relações afetivas gratificantes com os filhos. Mesmo quando essas relações existem, acontece muitas vezes que os pais desejam, através de seus filhos, exorcizar suas próprias frustrações e resgatar as próprias fraquezas.

Segundo Dorais (1988), os pais esperam que os filhos sejam os homens perfeitos, que eles próprios não foram. Este é um dos desapontamentos dos pais com seus filhos, pois muitos destes não estão de acordo com os seus modelos, que ainda são dependentes e em contrapartida, os filhos criam mágoas de seus pais, pois estes não sabem executar esse papel, que não lhes dão tempo, atenção, compreensão e emoção. Este autor reflete (p.76)

Pais e filhos têm em comum o despeito, às vezes mesmo a raiva interior uns contra os outros. Há muito tempo é assim transmitida a masculinidade: de pai decepcionado para filho decepcionado. Não é de espantar que ela seja com tanta frequência agressiva.

A paternidade contemporânea vive sob o signo da ruptura. De qualquer ótica, seja histórico, sociólogo, jurídico etc, não se chega a alguma conclusão, colhe-se apenas mudanças, evoluções e transformações. Certamente, daqui a alguns anos, os homens estarão mais conscientes de sua responsabilidade parental, sendo aos pouco revelados os valores, conhecimentos, comportamentos que o pai deve passar

para seus filhos, principalmente do gênero masculino, que é a referência de origem. (Hurstel, 1999).

Percebe-se que muitos pais não souberam executar o papel de pai na vida de seus filhos, pois também foram criados na ausência e silêncio dos seus próprios pais. É importante obter uma conscientização dos homens e mulheres de conhecerem as funções da paternidade na vida dos seus filhos. Não de um pai provedor, pai herói, e sim um pai que tem sentimentos, valores para passar para seus filhos. De mostrar as possibilidades que a vida apresenta, sejam positivas, negativas. De quais caminhos que devem ser percorridos, as escolhas que devem ser feitas, baseadas nos limites da sociedade e de cada um.

É muito importante, para dar uma boa estrutura aos filhos, trazer novamente o pai para a vida privada de sua família. A autora deste trabalho reflete ainda: para preencher essa ausência / carência do pai, é importante reconciliar três aspectos: paternidade, sensibilidade (oriundo do feminino) e masculinidade. Isso tem que ser muito bem falado, debatido, refletido, comunicado, pensado, pois se trata do futuro do homem de uma maneira geral.

Como filha, sempre lembro com muita clareza, dos valores que meus pais me transmitiam, como eles se comportavam com os familiares, no meio social, a conduta que davam para a educação dos filhos e a maneira que se amaram. Sabendo que esse aspecto influenciou muito na construção de minha identidade, procuro sempre conversar a respeito disso com meus filhos, familiares, amigos e colegas. Evidencio sempre a importância de valores, do diálogo, do respeito e da saber colocar-se no lugar do outro.

Capítulo III – Relacionamento Dual na pós-modernidade

“Há um sinal infalível, que nos permite reconhecer se sentimos amor por uma pessoa: é quando seu rosto inspira mais desejo físico do que qualquer outra parte de seu corpo”.

Michel Fournier

Nos capítulos anteriores foi narrado de maneira sucinta o impacto da revolução industrial, tecnológica, feminista e a globalização no atual papel do sexo masculino. Este capítulo pretende refletir como o sexo masculino está vivenciando o relacionamento com a mulher nesta pós-modernidade.

Bauman (2003) cita que vivemos uma época de ‘modernidade líquida’, no qual vive-se num mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível. ‘Relacionamento’ é o assunto que é o motor do atual ‘boom do aconselhamento’, no qual as pessoas procuram ajuda de especialistas, terapeutas, esperando ouvir, segundo palavras deste autor (idem, p.9):

O que esperam ouvir deles é algo como a solução do problema da quadratura do círculo: comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir...”

Numa época em que quase tudo fica pronto no ‘click on line’, as pessoas esperam que especialistas em comportamento humano (psicólogos, terapeutas e outros) tenham uma receita, um manual de comportamento para poder se relacionar com outras pessoas, em esferas sociais, profissionais, familiares e amorosos. O campo do relacionamento dual, é onde os desencontros ficaram mais evidentes após a revolução feminina e este atua no espaço íntimo do indivíduo.

Antes de se refletir sobre os atuais relacionamentos de gênero, será feito um breve relato das diferenças entre homem e mulher a partir da fisiologia. O teólogo Leonardo Boff (2002) narra que existe uma memória sexual e que essa memória deve ser tratada de modo singular, pois além das diferenças que foram construídas social e culturalmente, tem algo na genética. A hipótese, que é sexualmente neutra,

e o hipotálamo, estrutura nervosa, que é sexuada, são as glândulas que secretam, simultaneamente, os hormônios masculinos (androgênio) e femininos (estrogênio), em proporções diferentes, originando às características secundárias da sexualidade. Importante ressaltar que cada um, homem e mulher, secretam ambos os hormônios e que a predominância de um ou de outro produzirá um comportamento com características femininas ou masculinas.

Silva (2000) ressalva a importância dos hormônios no comportamento citando que existem dois fatores que não podem ser ignorados do ponto de vista biológico para explicar o comportamento das mulheres: o papel dos hormônios e a maternidade. Os hormônios femininos são em sua maioria 'favoráveis' e os masculinos, 'danosos'. A progesterona acalma a mulher e tende a torná-la mais tranqüila e sentimental, ao passo que o hormônio masculino, a testosterona, é considerado o principal responsável pela agressividade e pelo comportamento, muitas vezes, violento dos homens.

Compactuando também desse pensamento Berenstein (2001) cita ser fundamental que homens e mulheres conheçam um pouco mais sobre a fisiologia e a bioquímica de seus corpos e como seu funcionamento é capaz de atuar em suas vidas pessoais, profissionais e sociais. Os hormônios são os principais ativadores fisiológicos do comportamento masculino e feminino. O estrogênio, hormônio feminino, tem como missão criar o ambiente interno para a reprodução. Além disto, ele interfere também na pele típica feminina, cabelos, mamas, genitais, tom de voz, emoções e pensamentos portanto na feminilidade. Já o androgênio, hormônio masculino, sua atuação pode ser vista, externamente, na barba do homem, voz grossa, mamas reduzidas e virilidade. (Ver anexo II – diferenças entre a masculinidade e feminilidade.)

As moléculas hormonais possuem 'memória comportamental' que impõe ao sistema nervoso um padrão de pensamento consoante com seus objetivos. Por exemplo, uma menina, aos três anos de idade, influenciada pelos seus estrogênios, ao cuidar de bonecas, está exercitando uma função que executará no futuro, ao gestar e amamentar. Assim também ocorre com os meninos, quando estão brigando

com os amigos ou brincando no *videogame*, também estão fazendo um ensaio para o seu futuro. É importante ter em mente dois fatos importantes dos hormônios:

O primeiro é que o cérebro está constantemente mergulhado em hormônios. O segundo fato é a diferença física e biológica entre os gêneros. No homem essa imersão é composta basicamente de androgênios, hormônios determinantes da masculinidade, como a testosterona. Na mulher, esse 'banho' hormonal é mais variado e depende da fase da vida e do ciclo em que ela se encontra. Berenstein (2001 p.22)

Na primeira fase do ciclo menstrual da mulher, o estrógeno atua tornando-a mais competitiva, ela busca ser mais feminina, atraente e sensual, isso tudo até o dia da ovulação, justamente para atrair o companheiro. De maneira inconsciente a mulher procura atrair uma gestação, ou seja, “...*ela cuida mais de si mesma do que de seu lar para que ocorra a sedução, a relação e, portanto, a fertilização de seu óvulo*”, (Idem, p. 39). Pode-se perceber que embora na linguagem popular os homens são caçadores, eles ‘caçam’ através dos apelos sedutores das mulheres, mesmo que estes apelos sejam de uma maneira inconsciente. Para os homens, certamente, é mais difícil controlar seus hormônios. Sua testosterona é constante, não tem oscilações. O homem não tendo conhecimento destas oscilações, torna-se difícil para ele compreender tantas mudanças de comportamento.

Para compreender melhor a maneira que as mulheres gostam de se relacionar, faz-se necessário saber da atuação dos estrógenos e progesterona em seu organismo. “Os estrogênios são os hormônios responsáveis pela produção do estro (o lado feminino) no universo em nível celular, anatômico e comportamental. No ser humano agem determinando a feminilidade, desde as primeiras células intra-uterina, nas formas dos órgãos genitais e no corpo da menina, até seu comportamento ao longo de toda a sua vida. Esses hormônios são fabricados e liberados na primeira fase do ciclo mensal e menstrual da mulher, que é a fase da sedução na qual a mulher usa de todos os meios disponíveis para sentir-se mais atraente e feminina. Berenstein (2001)

A progesterona, outro hormônio que na mulher, é uma substância fundamental por favorecer a menstruação, a fecundação, o transporte e a implantação do óvulo fecundado até o útero, a manutenção da gravidez e a lactação. No entanto, ela só age quando há ação prévia dos estrogênios. A progesterona é liberada na segunda fase do ciclo menstrual, ou seja, tem como função preparar o corpo da mulher para uma possível gravidez. Nesta fase a mulher procura proteger-se e cuida mais da casa, do lar, vai mais ao supermercado, prefere a vida mais íntima e menos social. Protege seu companheiro, colabora para que ele se sinta bem no ambiente doméstico. Além disso, ela chora mais facilmente, fica muito emotiva, compreensiva, perdoa mais. (Berenstein,2001)

Já os hormônios androgênicos, que tem a testosterona como seu principal representante, é responsável pelos aspectos da masculinidade, como a racionalidade, competitividade, agressividade entre outros. Nos homens, a testosterona é de 20 a 40 vezes mais do que nas mulheres e tem como meta torná-los mais lógicos, 'sensatos', sintéticos, irritados, 'bélicos', bem-humorados. Nas mulheres esses hormônios aumentam do 7º até o 17º. dia do ciclo, aumentando o desejo sexual durante o período da ovulação. (Berenstein,2001)

Além dos hormônios, para ajudar a compreender a natureza dos relacionamentos duais, o biólogo norte-americano Craig Parker, cita que estudar por intermédio dos animais, é útil e pedagógico. É relevante frisar que os animais não têm o fator cultural, cujos aspectos psicológicos possivelmente inexistem, ou caso existam, influenciam pouco. Apesar disso, não há como negar que muito do comportamento humano assemelha-se ao dos animais e esse já é um caminho para avaliar o que, na nossa maneira de ser ou agir, vem da biologia – isto é, da porção animal do ser humano – e o que é determinado pela cultura e pela psicologia. (Silva, 2000)

Além desses fatores, esse autor faz uso da teoria darwiniana, que mesmo sendo incompleta é convincente, para retratar os fatores diferenciais entre homem e mulher. Esta teoria concebe que o investimento das fêmeas na reprodução é alto, ao passo que o dos machos é baixo. Os óvulos, comparados ao mar de

espermatozoides e sua contínua produção são raros e caros. O maior investimento das fêmeas e o maior custo que para elas representa a reprodução pois é dentro delas que se passa o longo processo de gestação e, mais ainda, é a elas, na maioria das vezes, exclusivamente, que cabem os cuidados com a nutrição e a proteção das crias. Esse investimento não só lhes rouba tempo e energia, como torna sem sentido fazer sexo de maneira indiscriminada. Uma vez que somente podem gerar um número limitado de filhos ao longo da vida, elas são seletivas. Escolhe entre os machos disponíveis, aqueles que se mostrem mais aptos a gerar filhos mais fortes e capazes de sobreviver e perpetuar a espécie.

Já no ponto de vista do macho, as coisas são diferentes. Os espermatozoides andam e renovam-se continuamente. Aos machos, no caso dos mamíferos, é possível gerar um número ilimitado de filhos. Depende apenas do número de fêmeas com as quais consigam se relacionar. Quanto mais, melhor, até porque, como já foi dito, a reprodução não lhes custa nada: é só prazer. Isto é uma dificuldade para as mulheres, em especial as que se dizem feministas, em aceitar a lógica dessa argumentação, e, principalmente, a idéia de estendê-la os homens e usá-la para justificar-lhes o comportamento sexual predatório – e freqüentemente promíscuo. Não se pode tirar a influência da biologia, basta observar-se a natureza e nela é visto que o macho tem o apetite sexual mais evidenciada.

Após a revolução feminista, a ideologia pregada era que homem e mulher são seres iguais, as pessoas negavam a importância das diferenças biológicas entre estes, em favor dos fatores culturais. Gikovate (2000 p. 292) faz uma importante reflexão neste sentido:

É curioso para um médico, crescido no domínio da biologia, observar com que facilidade as pessoas negam a importância dela em favor dos fatores culturais. ... Preferem supor que o ser humano seja totalmente plástico, moldável pela cultura, e sem limites biológicos para este processo..... O que importa aqui registrar é que o conceito de igualdade entre os sexos, que nos governou por duas décadas, tornou ainda mais difícil o processo de tentar entender o outro por si e não tomando o próprio modo de ser como padrão de referência. Se homens e mulheres são iguais,

então o homem poder saber como age ou sente a mulher através de imaginar como agiria ou sentiria na situação dela; e isto não é verdadeiro.

Concordo plenamente com a reflexão de Gikovate, dizer que homens e mulheres têm o mesmo desejo sexual, é querer criar culpas em ambos os gêneros: a mulher acaba se achando 'fria', pois seu desejo não acompanha na mesma intensidade o do parceiro, e o homem acaba se achando um 'maníaco por sexo' pois seu desejo é sempre latente. Esse autor cita ainda que essas diferenças não significam superioridade ou inferioridade, significa apenas que as pessoas não são iguais. Além disso dizer que essas características não subentendem diferenças de direitos e responsabilidade. A autora deste trabalho pensa que o ideal é encontrar essa compreensão dos desejos inerentes, que isso faz parte da fisiologia humana, mas que se deve levar em conta o respeito princípios pactuados entre os parceiros, e para isso é necessário o saber colocar-se no lugar do outro.

Apesar de todo o esforço pela 'igualdade' entre homens e mulheres, o recato no comportamento sexual é 'característica' esperado das mulheres. Silva (2000, p.36) faz uma importante ressalva:

É preciso ter em mente, no entanto, que reconhecer a influência do determinismo biológico em certos aspectos do nosso comportamento não significa aceitá-la passivamente. Somos animais, mas dotados de inteligência e, principalmente, sensibilidade. E isso faz, ou ao menos deveria fazer, uma grande diferença.

O comportamento do ser humano é o resultado da junção tanto dos fatores biológicos como dos psicológicos e culturais, pois é inviável admitir que, após mais de 40 mil anos de existência da espécie e outros tantos milhares de anos de civilização, os homens de uma maneira geral sejam escravos dos hormônios e da biologia. Como escreveu Sartre, "o ser humano se torna o que ele escolhe ser" e o que ele escolhe ser não decorre automaticamente apenas do que ditam os seus hormônios (Silva, 2000)

De acordo com Gikovate (2000) na medida em que o mundo social foi evoluindo e as coisas práticas do cotidiano foram se tornando menos exigentes, os

sentimentos foram ficando mais em evidência. Os homens se apegaram cada vez mais às suas mulheres na medida em que o clã foi perdendo importância. E as mulheres tornaram-se mães cada vez mais dedicadas pelas mesmas razões. E sua importância na vida do filho ficou consolidada.

Para compreender como o universo afetivo masculino se processa, deve-se olhar o relacionamento do filho com sua mãe, verificando, de acordo com a psicanálise, o modo que a fase do 'Complexo de Édipo' foi vivida. Nesta fase, o filho tem ainda uma enorme ligação com a sua mãe, pois ela representou seu primeiro grande amor. Percebe que o pai é seu rival e vários pensamentos lhe ocorrem, como por exemplo; *se o pai morresse, a mãe seria só sua*, mas ao mesmo tempo, sente remorsos e não gostaria de ficar sem o 'pai protetor'. Gikovate (2000 p. 69) considera:

Para o menino só resta uma saída, que é a de renunciar ao amor da mãe em favor do pai. Ele não tem escolha, não pode ser de outra forma. O menino de 6 - 7 anos sente uma dor terrível: a primeira grande frustração amorosa. Trata-se de uma vivência marcante e inesquecível e que certamente influenciará todos os futuros envolvimentos emocionais.

Compartilhando da importância do vínculo mãe e filho, Fromm (1995) cita que atualmente existem 'amores neuróticos' e muitos desses são oriundos do relacionamento mãe e filho. Nestes casos o filho permanece, afetivamente, uma criança de dois, de cinco, ou de dez anos e intelectual e socialmente encontra-se na sua idade cronológica (acontece também com as mulheres). Estes homens, emocionalmente, estão ainda ligados a sua mãe, querendo seus cuidados, calor, admiração e amor incondicional. Estes tipos de homens, normalmente, são afetuosos e encantadores mas, normalmente, mantêm relações superficiais. Ao se envolver mais seriamente, depois da fase do enamoramento, se a mulher nem sempre o admira como sua mãe o fazia, quando reivindica uma vida própria e que também quer ser amada e protegida, estes homens racionalizam seus sentimentos, achando-se injustiçados, não amados e *'queixam-se amargamente da ingratidão de sua parceira de amor'*. (idem, p.116)

Percebe-se desta maneira, que a afetividade no homem, normalmente, é determinada na maneira que se relacionou com a mãe na infância. A ruptura com a mãe deixa marcas, mais ou menos traumáticas e a idéia de se vincular de novo, com a mesma intensidade a outra pessoa, surge como algo muito ameaçador, para a grande maioria dos meninos. Muitos vão temer em se envolver seriamente. Irão preferir vínculos mais frouxos, menos essenciais. Muitos vão preferir mais do que tudo serem amados do que amarem; mesmo achando esta condição insatisfatória, consideram-na mais segura. Estarão menos ameaçados de terem que viver outra ruptura de dor equivalente (Gikovate, 2000).

Nas palavras de Cowan e Kinder (1988) o fator independência do homem começa na sua infância, por volta dos dois anos de idade, quando percebe que é diferente da mãe e deverá imitar o pai. Por outro lado, a menina não precisa se afastar da mãe, pode continuar muito próxima. Estes autores citam ainda, que este é um dos fatores que fazem com que as mulheres se apeguem mais aos seus relacionamentos, e os homens têm fases de apego e fases de afastamento.

Silva (2000) compartilha também desse pensamento narrando que transcorridos a 'problemática edipiana', no qual o menino tem que se afastar da mãe e a menina se aproximar do pai, a masculinidade passará a ser definir pela separação e é ameaçada pela intimidade. A feminilidade, ao contrário, irá se definir pelo apego e é ameaçada pela separação, haja visto que o trauma da separação de sua mãe foi menos intensa, pois ela pode ainda ter esta como modelo. Silva reflete (2000, p. 89)

Explica-se assim a separação bem clara que o homem faz entre amor e sexo, e o medo terrível que tem do envolvimento, da intimidade e da entrega. O fato de temer não significa, no entanto, que os homens não o desejem e anseiem tanto quanto as mulheres. A prova maior é que, apesar de tudo o que temem e a que resistem, um dia capitula, entregam-se e se envolvem. O que os diferencia das mulheres é que reagem mais camuflam mais, e têm maior dificuldade íntima de vivenciar o envolvimento e a entrega. O que é uma pena.

O tempo passa, o menino vai crescendo, continua hostilizando o pai, sentindo falta do carinho da mãe, a testosterona a cada dia que passa se evidencia mais e é iniciado a busca pelo prazer sexual. As diferenças entre o masculino e o feminino já começam a partir de suas primeiras experiências sexuais. Mesmo com toda a liberação sexual feminina, para as garotas a 'perda da virgindade' é considerada como uma entrega, não como parte de uma experiência precoce, mas buscando escolher o momento e a circunstância correta. Para elas, este acontecimento, está ligado ainda a 'narrativa romântica'. Giddens (1992), cita que para os rapazes a 'perda da virgindade' continua sendo apenas uma experiência sexual de adição, ganho:

É um talismã que aponta para o futuro, entretanto, não se trata disso em relação aos aspectos mais íntimos do eu, mas dentre outros símbolos da capacidade masculinas. ...Os rapazes esperam forçar a questão da iniciação sexual, enquanto as garotas preferem "retardar as coisas" (Idem, p.61).

Segundo Gikovate (2000) os rapazes sentem que desejam mais do que são desejados. Alguns sentem que não são desejados de forma alguma. Não percebem o problema como universal, como uma diferença biológica entre o masculino e o feminino. Não percebem que a visão é um fator de excitação muito mais forte no homem do que na mulher, que o desejo visual masculino é imediato e indiscriminado.

Para ir a busca de satisfazer seus desejos sexuais, os rapazes vão atrás das garotas. Durante muito tempo, a força muscular do homem era um fator preponderante para a conquista de uma mulher. Gikovate (2000), cita que nos dias atuais, a disputa pelas mulheres se tornou mais sofisticada, de modo que a força muscular é hoje um ingrediente pouco relevante. Nos primórdios, a força era usada para 'caçar' uma mulher, mas os séculos se passaram e a mulher conquistou o direito de decidir a quem ela permite a aproximação. A consequência desta conquista feminina é a de que os homens terão que se tornar mais competentes nos assuntos que elas apreciam. Terão que despertar a admiração delas.

Nessa mesma linha de pensamento, Alberoni (1988) cita que faz apenas algumas décadas que o relacionamento entre homem e a mulher está mudando. Suas diferenças foram construídas ao longo de milhares de anos, baseado em uma história de opressão. Vive-se uma época em que homem e mulher se observam a fundo para na busca de uma compreensão mútua. Contudo, mesmo com toda a liberação dos costumes, cabe aos homens aproximar-se e propor alguma situação à mulher, e isto é mais uma cobrança social para o homem. Para as mulheres compete dizer, ou não, o tão ansiado “sim” e que muitas vezes é apresentado sob a forma do ‘quem sabe’.

Além disso, Gikovate (2000) lembra que até mesmo os rapazes mais bem sucedidos sentem-se incomodados nas suas relações sexuais com as moças, pois observam que elas consideram o relacionamento sexual de uma maneira diferente. Além disso, eles também percebem que mesmo aceitando-os, desejando-os e admitindo o sexo, elas não o fazem com a mesma intensidade, com o mesmo desejo. Comportam-se como se estivessem concedendo uma dádiva, fazendo um favor, pelo qual o garoto deve agradecer e, o mais grave, pagar. Não pagar diretamente em espécie, mas retribuir de algum modo, seja com atenção, proteção, presentes e agrados. Nas palavras deste autor (p. 103):

Pensam na vantagem das mulheres, serem cobiçadas, desejadas, ele é que deverá correr o risco da abordagem. As mulheres estão numa situação mais confortável: estão menos sujeitas à rejeição e não têm que correr o risco de ser desprezada. Pode acontecer que elas tenham que agir com recato mesmo quando não é assim que gostariam, mas o simples fato de correr menos risco de humilhação já garante um privilégio maior.

Mas, atualmente, já se percebe que existem mulheres que tomam a iniciativa do assédio. Em conversas informais com homens, muitos homens dizem que isto os agrada quando a mulher é bonita, e que tenha um corpo atrativo. Porém outros dizem que não gostam das mulheres que ‘caçam’, sentem-se incomodados, preferem eles próprios correr atrás.

Um dos fatores determinantes no aspecto dos desencontros amorosos é o aspecto hormonal (Berenstein, 2001). A mulher é envolvida por sentimentos, e o homem pela competição. A mulher abre-se ao relacionamento sexual em busca de amor, já o homem dá o amor em busca do prazer sexual. Alberoni (1986) cita que para as mulheres, o erotismo está fundido com o amor. Para os homens, ao contrário, pode haver excitação erótica sem que haja a necessidade de um envolvimento amoroso. Isto não quer dizer que somente a mulher se apaixona, se enamora e que o homem se relacione só sexualmente. Os homens também desejam a proximidade, ternura, continuidade, necessidade de amor, de uma estabilidade afetiva. *“No homem, o desejo sexual consegue separar-se do amor somente com a condição de ter, nas outras esferas, uma grande segurança emotiva.”* (Idem, p.133). Isto não quer dizer que de um relacionamento sexual bem sucedido, para um homem, não possa existir um relacionamento afetivo. Nestes casos, se o homem perceber que existe uma possibilidade de erotismo crescente, ele poderá investir neste relacionamento.

As mudanças do comportamento feminino, trouxeram transformações no comportamento masculino. As mulheres se extroverteram, saem mais de casa, deixando os lares para trabalhar, estudar, passear e se divertir. Houve, sem dúvida, uma perda e um ganho. Elas amadureceram em muitos aspectos. A experiência traz crescimento. Elas se abriram mais para o mundo, arriscam-se mais, querem mais, participam mais. Adquiriram um comportamento que era mais do homem: extroversão, agressão, objetividade, racionalidade. O feminino é que está desvalorizado, seja nos homens, seja nas mulheres. Vivemos numa sociedade fálica, em que impera a lei do mais forte. As qualidades femininas, como a paciência, tolerância, compreensão, delicadeza, graça, suavidade, contemplação, é que estão sendo desprezadas, mesmo nas mulheres, e pelas mulheres. Segundo Ulson⁵, (citado em Boechat 1997, p. 78):

A própria relação entre os sexos se tornou luta, competição, atletismo. O relacionamento entre o homem e a mulher, em grande parte dos casos, se degenerou em luta de poder. O objetivo explícito ou implícito é ver quem pode mais, ou quem manda mais. O espírito da modernidade está baseado: no trabalho

⁵ Glauco Ulson: médico psiquiatra, analista junguiano..

demasiado e sem sentido, na solidão e no egocentrismo, a busca de poder e conhecimento.

Silva (2000) traz uma importante observação para esta reflexão da condição feminina. Esta diz respeito ao campo profissional, pois a mulher para vencer neste, está imitando o comportamento masculino e abandonando os valores mais intrinsecamente femininos. A mulher moderna cada vez mais é parte integrante do mundo masculino, necessita conhecer a trajetória do desenvolvimento da identidade de um homem. Johnson (1993) também afirma que a mulher, ao abraçar uma profissão, o desenvolvimento de sua masculinidade torna-se importante para ela. Tanto a masculinidade da mulher, quanto a feminilidade do homem estão mais próximas do que se possa imaginar.

De acordo com Giddens (1992), a grande maioria dos homens aceita bem essa masculinidade da mulher, bem como a liberação sexual feminina. Eles afirmam que em qualquer vínculo sexual prolongado que tenham, a expectativa é a de que a mulher esteja em um mesmo patamar intelectual e econômico igual ao deles. Mas ao mesmo tempo, ao se confrontar com uma mulher nestas condições, sentem um certo desconforto. Afirmam que as mulheres *'perderam a bondade, a sensibilidade'*, que as mulheres *'não sabem mais como entrar em acordo'* e que *'as mulheres de hoje não querem ser esposas, querem esposas.'*

Bly (1991) cita a importância das mulheres usarem a natureza feminina em uma discussão nos relacionamentos, pois quando um homem e mulher estão, frente a frente, discutindo o homem em geral não sabe o que quer. No fundo ele quer que conflito termine porque não gosta de discutir, porque não sabe falar de sentimentos *"...porque 'não acredita na luta', porque nunca viu sua mãe e seu pai lutarem de maneira proveitosa..."* (idem, p.168). Nesses momentos, é relevante a mulher saber usar da sua feminilidade, de sua sabedoria em termos de emoções, sentimentos e esperar o momento certo de falar, proporcionando que o homem se acalme, se harmonize, se encontre.

Muitas mulheres têm mostrado um comportamento tipicamente masculino. Vive-se em um campo de batalha onde mulheres e homens se relacionam, mas

baseados nos valores da masculinidade. Hoje, elas também ‘caçam’, também são ‘predadoras’ de relacionamentos, embora não pareça ser da natureza feminina. Com a liberação sexual e os meios contraceptivos, a sexualidade da mulher tornou-se mais pública comparando-se, atualmente, com a dos homens. Tomando base em conversas informais e leituras de revistas, os homens dizem que gostam de ser seduzidos, mas que seja de uma maneira delicada e agradável. “Ou seja, as mulheres podem ousar, mas sem perder a feminilidade” (Goldenberg, 2000, p. 53).

Dorais (1994) cita que a sexualidade e a masculinidade sempre andaram juntas, sendo o sexo muito importante para o gênero homem. Os homens desenvolveram um mercado multimilionário em termos de sexualidade⁶ e as mulheres iniciam uma reflexão sobre sua própria condição. Os relacionamentos muitas vezes, não passam de um encontro sexual. Era isso que as mulheres queriam com a sua liberdade sexual? Ou será que esperavam que os homens passassem a conversar mais sobre os sentimentos, emoções, haja visto que elas se aproximaram do universo, que era dito como do homem, onde existe o poder de relacionar-se sexualmente sem criar vínculo. Embora se viva em uma época de muitas informações, o tempo é escasso e nota-se que as pessoas só absorvem o que é conveniente, o que diz respeito ao outro, fica para ‘outra hora’. Desta maneira, as ilusões são criadas e numa grande maioria das vezes, a realidade frustra.

Com a liberação das mulheres, havia uma expectativa que os relacionamentos duais ficassem mais equilibrados. Era esperado que os níveis de exigência para o amor subissem de patamar, mas o que aconteceu é que estes foram, altamente, rebaixados, o amor ficou banalizado, horas, noites avulsas de sexo são chamadas de *‘fazer amor’!!!* A definição romântica do amor, que tinha como chavão “até que a morte nos separe” está fora de moda, devido as fortes mudanças nas estruturas familiares, nesta pós-modernidade. Bauman (2003, p.19) dá uma visão de como a experiência amorosa está sendo vivida:

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se,

instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e freqüentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências; que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois.

Esse autor menciona ainda que para viver o amor, não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas. Viver o amor é gerar, é construir, e estruturar, moldar os poucos. O cenário de uma cultura, altamente, consumista como a que se vive, atualmente, que exhibe uma diversidade enorme de produtos para uso imediato, para o prazer passageiro, a satisfação, no qual quase tudo tem garantia, podendo-se devolver o produto se não satisfazer, foi transportado para os relacionamentos, para o 'dito amor'.

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a 'experiência amorosa' à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada. E é esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos. (idem, p.22).

Uma outra características que talvez dificulte e impeça o homem de entregar-se aos altos e baixos de um relacionamento esteja no fato de que, ao fazer isto, ele distancia-se de uma referência tradicionalmente conferida a seu papel social. Para entregar-se, o homem precisa perder a forma tradicional de orientar-se afetivamente no mundo, para encontrar uma outra forma que dê sentido, significado, satisfação e expressão ao que se sente. (Nolasco, 1994)

Filmes, novelas, contos e canções de amor, são a forma que na atualidade servem como meio de comunicar todos os desejos não cumpridos de amor, união e

⁶ Conforme comissões canadenses e americanas de pesquisa, o mercado de bens e de serviços sexuais gera, anualmente, na América do Norte, uma renda de várias dezenas de bilhões, entre

proximidade. O consumo destes produtos faz com que um homem e uma mulher experimentam e participam, não entre si, mas sendo espectadores das histórias felizes e infelizes de amor de um casal. Fromm (1995) cita que isto é uma característica do homem e mulher atual: vivem no plano dos sonhos, imaginação, fantasia, sempre desejando aquela felicidade vista numa tela, por exemplo. Outro ponto que este autor cita, diz respeito a questão tempo: um casal pode comover-se profundamente com as recordações de seu amor passado, embora, quando esse passado era presente, ele não era experimentado, não era vivido, pois estavam preocupados com a fantasia de seu amor no futuro. Nas suas palavras (p.121):

Quantos noivos, ou recém-casados, não sonham com sua felicidade amorosa, a verificar-se no futuro, ao passo que, no momento que estão vivendo, já começam a enfastiar-se um do outro! Esta tendência coincide com uma atitude geral característica do homem moderno. Ele vive no passado ou no futuro, não no presente. Recorda sentimental sua infância e sua mãe – ou faz planos felizes para o porvir. Quer seja o amor experimentado substitutivamente pela participação nas experiências fictícias de outrens, quer se transfira do presente para o passado ou o futuro, essa forma abstratificada e alienada de amor serve como um ópio que alivia a dor da realidade, a solidão e a separação do indivíduo.

Numa época onde as luzes de néon, os controles remotos como ferramenta de locomoção para *shoppings center* virtuais e mesmo os grandes *shoppings center* com suas vitrines, minuciosamente, preparadas para chamar atenção, atraem as pessoas para o externo, para a ilusão, para as pessoas poderem tirar o máximo de prazer em um curto espaço de tempo. Hesíodo, em sua obra ‘*Os trabalhos e os dias*’, narra um mito que Zeus poderia criar uma raça que já nasceria gasta e velha, para a qual a eternidade não duraria senão minutos. Salis (2003, p.136) reflete:

Essa seria a raça que podemos chamar ironicamente ‘de plástico’. E é justamente o que encontramos no século XXI: tudo tem de ser novo, e o novo não dura senão minutos. Morremos buscando o novo. Envelhecemos fugindo da velhice.

Todo este artefato de disponibilidade, de ser transitório, descartável, trouxe para os relacionamentos duais novas reflexões. Muitos homens já se preocupam com o prazer da companheira, o diálogo está mais presente. Eles sabem que um dos ganhos do movimento feministas foi que as mulheres deixaram de ser oprimidas e falam mais sobre a sexualidade. Segundo Farrell⁷ (2002 – anexo IV) , hoje os homens lidam com mulheres mais realizadas, mais felizes. Mas ainda é necessário as mulheres e homens penetrarem no universo da sexualidade do parceiro para poder compreender como funciona a dinâmica do companheiro(a). O que é percebido, é que homens e mulheres, na faixa entre 30 e 40 anos estão com dificuldades de encontrar um relacionamento que perdure. Os homens estão receosos, não se sabendo exatamente os motivos, talvez com medo de serem abandonados, de ‘não darem conta’ de prover essa mulher mais exigente. A mulher neste ponto terá um papel fundamental ao saber comunicar o que espera, exatamente, de um relacionamento. Pela sua habilidade de saber falar das emoções, medos, angustias, é mais fácil para ela tentar mostrar o caminho para o seu companheiro e ajudá-lo a compreender as situações também sob a perspectiva feminina. Com mais essa habilidade desenvolvida, talvez fique mais fácil para os homens fazerem as escolhas que a vida proporciona.

A mulher, que era tratada como o ‘sexo frágil’, passou a ser vista como parceira e companheira para todos os tipos de atividades. Hoje há poucos lugares vedados às mulheres. Elas estão em toda parte, e o convívio com homem fora de casa tornou-as mais resistentes e experientes para a vida. Muitas já se realizaram profissionalmente, mas se o lado familiar não foi realizado, sentem como se algo estivesse faltando. No fundo muitas delas sonham, nostalgicamente, com os antigos privilégios de uma vida protegida, voltada para a educação dos filhos e para a família, claro, aliado a uma realização profissional. A natureza da mulher não é guerreira, no sentido de competição. O gene do feminino está associado à concepção, à criação, à educação, ao prazer e ao amor. Somente, quando privadas de seus anseios básicos é que se tornam competitivas, caçadoras, guerreiras. Ainda é da responsabilidade do homem ser o maior provedor. A mulher não leva o

⁷ Warren Farrell : professor da Escola de Medicina da Universidade da Califórnia e da Escola de Psicólogos Profissionais em entrevista concedida a revista Veja (Anexo IV)

ônus de ter que ser a provedora da família, o homem sim, a ele cabe esta responsabilidade. (Boechat, 1997)

Ao refletir sobre a resposta que Farrell (2002 - na entrevista concedida a revista Veja Anexo IV), ao ser questionado quanto ao *'impacto negativo do movimento feminista na vida de homens'*, ele deixa claro que ainda é do homem a maior responsabilidade de provedor da família. Suas palavras espelham de forma clara este cenário:

Os homens estão em situação de inferioridade. Uma mulher casada e com filhos pequenos tem três opções: trabalhar em tempo integral, apenas cuidar das crianças ou encontrar uma combinação das duas coisas. As opções do homem são as seguintes: trabalhar, trabalhar e trabalhar. As expectativas para eles ficaram ainda mais rígidas que antigamente. Ainda devem ganhar dinheiro e prover a família. Também são cobrados a demonstrar afeto e participar da educação dos filhos. Isso é ótimo, mas as coisas se excluem. Para ganhar dinheiro, eles são absorvidos pelo emprego e se afastam da família. Ficam angustiados.

Desta maneira, o homem é cobrado de executar o papel do provedor, e ainda ser um pai afetuoso, marido companheiro e atento as necessidades da mulher, enfim presente na vida da família. Antes bastava o papel de provedor para ter uma mulher ao seu lado, para ser admirado, agora eles devem ter algo a mais. Deve-se buscar no relacionamento um espaço para que o indivíduo não tenha que vivenciar um papel, mas que o sujeito possa ser ele mesmo, com seus defeitos e qualidades. O indivíduo deve aceitar o companheiro como ele é, que não tenha que vestir um papel para corresponder às expectativas. Um ponto importante num relacionamento amoroso é o respeito à individualidade das pessoas. Respeitar o espaço na maneira de ser e de pensar (Silva, 2000).

Uma das grandes queixas das mulheres é que os homens não sabem escutar seus problemas. Logo após quando ela começa a narrar, o homem sente uma enorme vontade de dormir. Ele pode até prestar atenção mas, provavelmente, metade das coisas que elas falam eles não captam. Isto porque os homens foram

criados com referenciais para ciências e as mulheres mais capacitadas para as letras e artes. Os homens sabem que as mulheres são competentes, mas para ouvi-los e dar conselhos a eles usando da intuição feminina. Conforme Gikovate (2000 p. 296)

O marido chega em casa e fica muito aflito e incomodado se a esposa não está lá para recebê-lo; não se trata apenas de ciúme, se trata de uma grande incompetência para ficar sozinho nesta hora. Se ela está lá e o recebe, a abraça e vai logo contando o que se passou com ele; não tem curiosidade alguma em saber o que se passou com ela. Quer exibir para ela, retirar dela exclamações de admiração ou de compaixão. Depois de ter contado tudo o que lhe interessava e depois de ter ouvido com atenção absoluta e total interesse as coisas que ela tinha a dizer a respeito de seus assuntos, se vê forçado a fazer a pergunta inversa: 'e você como passou'? Ela começa a responder, de modo discreto e resumido. Mas mesmo assim sua atenção se dispersa e o assunto rapidamente é interrompido por algum outro fator externo."

Esses fatos, todos têm a ver com a insegurança do homem, por ele perceber que depende da mulher emocionalmente, então ele necessita achar uma maneira de não enaltecê-la em demasia, pois com isso ele perderia o 'controle' do relacionamento.

Atualmente, o homem diz que aprecia, admira uma mulher independente, auto-sustentável, dinâmica, pois isso tira um peso de seus ombros. Mas, contrapondo a isso, sente falta de ter ao lado uma mulher que seja doce, meiga, compreensiva, que saiba acolher seu cansaço, seu estresse. Sente-se ameaçado por essa mulher, pois a habilidade natural dele é de prover, não lhe foi ensinado o 'aconchegar'. Ele sabe seduzir. Em muitos casos, sente-se desnecessário na família, pois sua mulher 'dá conta de tudo', trabalha fora, administra a casa (com ou sem apoio do homem). A educação dos filhos, que antes era responsabilidade da mulher, aos poucos foi sendo terceirizada, para escolas, cursos, TV, às vezes avós e babás. Como foi visto no capítulo anterior, não foi ensinado ao homem educar seus filhos, foi ensinado prover os filhos.

Cowan & Kinder (1987) citam que ainda vive o mito de que as mulheres fortes intimidam e causam hostilidade, pois eles consideram que um domínio que era 'exclusivamente seu' foi invadido: "*Acharam que não tinham uma posição única e valorizada aos olhos da mulher que amavam.*" (idem, p.177). Lendo isto, surge um ponto a ser refletido: se essas transformações socioculturais na dinâmica da sociedade familiar a situação fosse invertida, isto é, os homens além de cuidar da vida profissional, ocupassem o espaço da mulher na administração da casa, cuidar dos filhos, como a mulher sentir-se-ia nesta invasão? Provavelmente, iriam sentir-se inseguras, sem um papel exclusivo, embora ela saiba que em um ponto o homem não pode substituí-la: a capacidade de gerar um filho, e isto ainda a deixa em vantagem. Isto é uma reflexão para as mulheres de uma maneira geral, tentarem compreender os sentimentos do homem em relação a invasão da mulher no espaço público, que era considerado exclusivo do universo masculino. Não é para a mulher sentir-se atingida por esta ponderação, mas quem sabe, ter um pouco de altruísmo e tentar se colocar no lugar do homem livre dos estereótipos feministas. Tendo um olhar diferente sobre a condição masculino, pode-se obter uma compreensão do masculino, pode-se criar repertórios diferentes nos diálogos entre homem e mulher, minimizando mais um ponto de divergência dual.

Esses autores consideram ainda que as mulheres, aos poucos, estão percebendo que não estão gostando de agir com o modelo masculino. Que talvez fosse possível reencontrar os valores do feminino. Aqui no Brasil, já pode ser visto um tímido movimento neste sentido: uma das principais revistas feminina de grande circulação no Brasil tem usado como *teaser* 'Independente sem deixar de ser mulher' .

... a nova mulher que está surgindo está aprendendo a balancear sua expressão de força direta e sem censura com a competência e capacidade de ser doce e interessada, os homens estão finalmente, confiando nas mulheres para viver papéis cada vez mais poderosos em suas vidas..... Ela influência não apenas sua vida pessoal mas também sua carreira (pg. 179).

Mas ao mesmo tempo em que ele admira essa mulher: independente, inteligente, executiva / empregada, graduada, pós-graduada, doutorada e outros "adas" da vida, quando está prestes a iniciar um relacionamento o que acontece?

Assustam os homens, eles se afastam, pois parece que não tem a energia / força / coragem, masculinidade (não machismo) suficiente para estar ao lado dessa mulher. Uma outra hipótese pode ser porque essas mulheres mostram independência demais e isso faz com que eles não se sintam necessários. E pensam: ‘*O que posso acrescentar à ela?*’ O homem sabe prover, proteger, isso é o que foi ensinado à ele. Enquanto ele não desenvolver as habilidades do seu feminino interior, ele fica com ‘receio’ dessa mulher forte, e busca mulheres mais frágeis ou que usem mais os atributos femininos que os façam sentirem protetores delas e acolhidos por elas.

Já Cowan & Kinder (1988) justificam esse receio dos homens de ter uma mulher forte por alguns fatores:

- A maioria dos homens foi condicionada a acreditar que eles precisam ter o controle em um relacionamento, no que diz respeito a poder e dinheiro;
- Os homens recebem esta mensagem não apenas pela cultura em geral, mas também, de forma mais específica, pelas expectativas femininas: eles não são cegos às fantasias femininas do príncipe.
- No passado, os homens que tinham esposas de personalidades fortes eram muitas vezes ridicularizados por outros homens e pelas próprias mulheres, eram chamados de : ‘frangotes’ ou comentários depreciativos como por exemplo: ‘Você sabe quem usa calças naquela família’.

Apesar desta atitude estar se modificando, estas apreensões profundamente enraizadas não são facilmente abandonadas, mesmo pelos homens chamados “liberados”. Este é o motivo pelo qual o fenômeno de amar a mulher forte, até mesmo inspiradora e motivadora, ainda não é discutido com muita facilidade. Os homens que são atraídos por estas mulheres ficam relutantes em anunciar seus desejos e atração. (idem, p.179)

De uma maneira geral na vida das pessoas as emoções mais fortes, sejam negativas ou positivas, advêm dos relacionamentos de gêneros. Os dois mundos, masculino e feminino, não devem competir, mas devem andar em uma linha paralela, pois são visões / percepções diferentes de um mesmo panorama. Razão e

emoção, sentimentos que se completam, que tem o mesmo grau de importância na vida do ser humano para encontrar a sua harmonia e completude.

Um ditado popular cita que : “*atrás de um grande homem sempre existe uma grande mulher*” , o que é percebido é que os grandes homens estão deixando de existir, pois as ‘grandes mulheres’ que usavam da feminilidade foram sendo substituídas pelo uso do masculino. Com isso os homens estão ‘meio perdidos’ pois as mulheres se posicionaram à frente deles, desafiando-os, como se fosse uma adversária, e não ficando ao lado como uma cúmplice / parceira. Um não deve ser melhor que o outro, simplesmente, os dois têm que caminharem juntos em busca da plenitude e da harmonia e se ajudarem, aprenderem, enriquecerem nas diferenças peculiares de cada gênero.

Homem e mulher gostam de sentir-se importante e acolhidos na família e, atualmente, observa-se que quase não há mais este tipo de comportamento, quando homem e mulher têm atividades profissionais estressantes. Nesta pós-modernidade, as mulheres chegam em casa tão cansada, tão estressada quanto o seu companheiro. O feminino foi posto de lado, deixando-se de usar a sabedoria que foi dada à mulher, para usar a força que é característica do homem. A revolução feminina não criou o novo espaço da mulher, avançou no território do homem. É sabido que para uma grande transformação, como foi o movimento feminista, deve-se ir para o extremo da situação preponderante mas, em um determinado é importante faz-se encontrar a harmonia entre os extremos. Agora se faz necessário refletir se, as mulheres estão felizes (ou em harmonia), e além disso buscar uma maneira de reencontrar os valores do feminino. .

De acordo com Johnson (1993), a mulher tem a tarefa de proteger a si , seu companheiro, sua família dos perigos do mundo interior: humores, inflação do ego, excessos, ciúmes entre outros. Isto é da natureza feminina, ‘...são coisas que o gênio da mulher sabe manejar bem melhor que o homem.’ (idem, p.76). Ao homem cabe a tarefa de proteger-se e família do mundo exterior, isto é da natureza do masculino. Este autor cita que o perigo que se vive nesta pós-modernidade é homem e mulher estarem vivendo quase que exclusivamente para o mundo exterior,

ambos estarem dedicando todo o seu tempo para as coisas externas. Todos ficam mais frágeis, internamente, principalmente os filhos.

Necessariamente, dentro do amor humano está a amizade: a amizade no relacionamento, no casamento, a amizade entre marido e mulher. Quando um homem e uma mulher são verdadeiramente amigos eles conhecem os pontos difíceis e as fraquezas do outro, mas não cedem à tentação de criticá-los. Estão mais interessados na ajuda mútua e no prazer que sentem na companhia um do outro, do que em descobrir os defeitos.

Para finalizar este capítulo escolhi palavras de Johnson (1983, p.50):

Amar é encarar o outro da maneira real, simples, como o ser humano que de fato é. Amar nada tem de ilusório; é ver o indivíduo, vê-lo, mas não através de um determinado papel ou imagem que tenhamos planejado para ele. É dar valor à individualidade daquela pessoa, dentro do contexto do mundo comum.

Capítulo IV- Desenvolver o *feminino* no gênero *masculino*

*Uma revolução,
Diferente de uma simples revolta
Pressupõe uma mudança que
Leva a um novo paradigma.*

*Octávio Paz
Prêmio Nobel de Literatura de 1990*

Neste capítulo, será usado de maneira sucinta alguns conceitos junguianos para poder desenvolver de uma maneira mais ilustrativa o que quer dizer feminino no ser do gênero masculino.

O nascimento do homem, segundo a mitologia, deu-se quando o titã Prometeu⁸ moldou um boneco de barro, procurando dar todos os atributos dos deuses. Além disso, Zeus⁹ decidiu animar o boneco assim como permitiu que muitos outros fossem moldados. Assim nasceu o ser 'humano primordial', que não era nem homem nem mulher, pois era imortal e não precisava multiplicar-se. Mas Prometeu, por vaidade, resolve enfrentar Zeus e este ao descobrir que mentiu, condena-o, assim como todos os outros, torna-os mortais e divide-os em duas partes, que são condenadas a procurar uma à outra eternamente. Ao se reencontrarem recuperarão sua imortalidade perdida, e isso só será possível quando o homem conhecer e integrar o seu contrário. De acordo com Silas (2003, p. 143):

Só os imortais podem integrar os dois sexos, mas cabe ao homem encontrar no simbólico essa superação. Assim mostra a psicologia profunda de Jung, quando explica que o homem que não conhece seus aspectos femininos e, da mesma maneira, a mulher que não conhece seus aspectos masculinos acabam buscando no sexo oposto espelhos ideais de si mesmos, tendo como resultado a grosseira projeção de seus desejos e esperanças no sexo oposto, que na verdade não conhecem.

Uma das maiores contribuições de Jung foi a demonstração de que o ser humano é andrógino, o que significa que combina em si os elementos masculino e feminino. O homem, geralmente, se identifica com seu lado masculino e usa sua

⁸ Prometeu: aquele que aprendeu a ir em direção dos mitos.

feminilidade no interior, ao passo que a mulher faz o contrário. Esta mulher interior no homem, Jung a chama de anima, e o homem interior na mulher, animus. A incorporação do elemento feminino dentro do homem é uma questão psicológica de grande sutileza e dificuldade. Mas, a menos que ele consiga fazer isso, não pode sequer ter esperanças de compreender todo o mistério do seu próprio *self*. (Johnson,1993)

Segundo Ulson (citado in Boechat, 1997) o homem é composto, biológica e psicologicamente, de aspectos masculinos e femininos. Para obter um pleno desenvolvimento ele deve passar pelas seguintes fases: infância, adolescência, idade madura e velhice. Durante estas fases é necessário integrar partes essenciais de sua personalidade como seu lado guerreiro, seu lado sensível, seu lado legislador e líder. Jung denominou este processo de 'individuação', que também implica num grau de diferenciação de seus aspectos masculinos e femininos.

Desde a infância o menino é tolhido em desenvolver o seu feminino. Isto por que os pais criaram um preconceito que meninos sensíveis, que choram, que se emocionam, provavelmente podem se tornar homossexuais. As diferenças físicas entre os homens e as mulheres não justificam tão grande diferenciação de papéis, de atividades, de atitudes. O menino terá que seguir os passos do seu pai; como brinquedo, ganhará carros, bola e outras 'coisas' masculinas. Se o menino não demonstrar clara disposição de se identificar com todas estas 'coisas masculinas' e ao contrário, demonstrar mais interesse por tarefas ou divertimentos femininos, será imediatamente encaminhado a um psicólogo. Entretanto a menina, identificando-se com 'coisas' masculinas, a família acha que é só uma fase e que vai passar. (Gikovate, 2000).

Cardoso¹⁰ (1997, citado em Boechat) explica que a questão de gênero é primariamente gramatical, mas quando incorporada na antropologia, vem significando a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. Ao falar-se em atributos masculino / feminino, deve-se levar em consideração implicações biopsicossociais que têm; ou

⁹ Zeus: deus da criação e da expansão

as próprias diferenças culturais em que certas atividades são consideradas femininas em dada sociedade, masculinas em outras, e indiferentes em terceiras. Contudo, foi realizado uma pesquisa, que pelo senso comum têm sido atribuídos ao masculino e ao feminino. Estes atributos, foram categorizados em quatro classes: 1º) modo de pensar; 2º) modo de sentir, 3º) modo de agir e 4º) relação com a natureza (anexo V). Tais atributos representam a construção simbólica dos gêneros e portanto, resultantes em parte da dinâmica sócio-cultural, ao lado do que possivelmente possa ser atribuído à divisão biológica dos sexos. Um das questões a ser levantada é, até que ponto tais atributos são puramente adquiridos, ou se a base arquetípica lhes garante um estatuto hereditário. Admitindo-se a hipótese junguiana, homens e mulheres teriam ambos atributos – masculinos e femininos – *‘quer se trate da predominância na consciência, como quis Jung, ou de igual distribuição entre os sexos, como parece sugerir a teoria dos hemisférios cerebrais.* (idem, p.55). Esta autora, conclui seu estudo citando ainda (p. 67):

Parece ficar, igualmente, claro que a redução do gênero ao sexo trouxe, no passado, dificuldades para a construção da identidade feminina, como no presente está desafiando o homem em seu confronto com o aspecto feminino do seu ser, que este feminino lhe advenha mediante o desenvolvimento de um arquétipo, e portanto, inconsciente; quer seja a aceitação de um lado de sua natureza mesma, consciente, ainda que reprimido pela cultura, em face das contingências sociais.

Saindo da visão junguiana e olhando por uma visão mais social, Dorais (1988) reforçando essa idéia, cita que os ‘mitos educacionais’ como: um homem não deve chorar, não deve manifestar muita ternura, deve mostrar-se forte etc. causam danos a todos os homens. Pois esses mitos os impedem de viver, plenamente, seu próprio potencial nas relações consigo mesmo e com os outros. Uma certa androginia psicológica, quer dizer a faculdade de utilizar, conforme a circunstancia, características ora masculinas ora femininas, seria sinônimo de melhor adaptação social e, conseqüentemente, de melhor equilíbrio mental.

¹⁰ Heloisa Cardoso: Livre docente e doutora em ciências pela UERJ, docente no Curso de pós-graduação em Psicologia Junguiana.

A sociedade pós-moderna, está acostumada a pensar a partir das categorias *masculino* e *feminino*. Dorais (1988), cita que homens e mulheres devem se libertar dos estereótipos que prendem a masculinidade e feminilidade, pois dessa maneira o homem, de uma maneira geral, é impedido de descobrir os potenciais do ser humano, deixando de inovar em outras maneiras de viver. Boechat (1997) seguindo a psicologia analítica, cita ainda que o homem precisa deixar o seu '*anima*' surgir, para que esta tenha um papel ativo em sua inserção criativa na sociedade.

Nos anos 60, com a moda *unissex* houve uma iniciativa de aproximar o masculino do feminino. Os cabelos longos dos rapazes, as roupas e adereços, representaram uma quebra de costumes do padrão vigente. Aqueles foram anos de grandes mudanças de paradigmas e transformações sociais, atuando mais em mudanças para o gênero feminino e não alcançaram o universo íntimo masculino.

No Brasil, ao final dos anos 60 surge a Tropicália como um sinal que um 'novo homem' estava para nascer. Foi um fenômeno que trazia ambigüidade através das letras das músicas de Gilberto Gil e Caetano. Nas palavras de Celso Favaretto¹¹ (citado em Nolasco, 1988, p. 184):

A imprensa encarregou-se de fazer das declarações desabusadas de Gil e Caetano, de sua verve crítica, o prenúncio de uma posição artística, e mesmo política, sincronizada com comportamentos da juventude de classe média, vagamente relacionada com o movimento hippie. A onda era reforçada pelo trabalho de marketing do empresário Guilherme Araújo e aceita pelos, agora, tropicalistas. O tropicalismo surgiu, assim como uma moda, dando forma a certa sensibilidade moderna.

Nolasco (idem), cita como exemplos da tentativa de aproximar o masculino do feminino com as músicas: Super-homem (a canção); Pai e Mãe; Logunedé (letras no Anexo III) tendo o ritmo da música baiana, oriunda dos terreiros e das casas religiosas africanas, '*...marca os contornos de subjetividade pouco comprometidas com a nitidez dos padrões e comportamento sociais.*' (idem, p.185). O professor, letrista, escritor e pesquisador de MPB, em seu livro '*Literatura Comentada*' (1982, citado por Nolasco, 1988, p. 186) faz o seguinte comentário sobre o feminino (no homem), nas músicas de Gilberto Gil:

¹¹ Celso Favaretto: professor da USP de filosofia e ensaísta. Escreveu '*Tropicália:Alegoria/ Alegria*', 1979 – São Paulo: Ed. Kairós

O esboço de um perfil do homem do futuro, que começa a libertar-se dos estereótipos e clichês a ele atribuídos ao longo dos tempo, é o tema de Gil nesta rubrica. O poeta fala da porção mulher que lhe aflora na consciência, sem estar obviamente se referindo a uma feminização masculina, mas propondo assumir o lado feminino presente na natureza do homem, negando sua imagem de força bruta, cristalizada desde sempre. Assumir o lado feminino, para Gil, é assumir a sensibilidade, tradicionalmente associada à mulher ou ao estereótipo dos homossexuais.

Ser considerado homossexual é um dos grandes obstáculos para o homem buscar entrar em contato com seu interior feminino. Nolasco (1988) realizou uma pesquisa no Rio de Janeiro, no ano de 1985, com 25 homens de classe média, entre 25 e 35 anos, com o objetivo de analisar os parâmetros por eles utilizados para se definirem homens. Nesta pesquisa ele constatou que os homens ficavam temerosos ao falar sobre sentimentos, sensibilidade, medos, inseguranças para um outro homem. O receio deles é que os outros pudessem duvidar da sua masculinidade, que fossem julgados como homossexuais por estarem refletindo a cerca de uma mudança do papel social masculino.

Atualmente, o que existe no sentido de permitir que o homem abra mais sobre sua intimidade, está dentro de um contexto terapêutico, ou em grupos de homens liderados por psicólogos, sociólogos mas que está muito distante de ser uma revolução que poderá quebrar os paradigmas machistas, em um curto espaço de tempo.

Em seu trabalho de coordenar grupos de homens, Nolasco (2001) tenta ajudar os homens a trabalhar esses paradigmas machistas, e um deles é o medo que existe de homem ter intimidade com um amigo, assim como as mulheres tem intimidades entre elas. Segundo este autor, os homens têm medo uns dos outros por várias razões, físicas e psicológicas e entre as mais comuns está a dicotomia entre o medo da agressividade e o medo da ternura. O efeito da agressividade é o impedimento da expressão dos conflitos e por conseguinte, sua resolução. Já a manifestação física de afeição entre homens, relativa a ternura é inibida por medo da homossexualidade. Além disso, expressar sentimentos de compaixão e ternura pode representar uma perda da imagem viril e de ser ridicularizado em público, se

chega a tanto. Desta maneira, percebe-se que é muito difícil aos homens derrubarem as barreiras desses paradigmas machistas e permitirem exteriorizar os aspectos do feminino.

As características mais ligadas ao feminino, são importantes e devem ser estimuladas nos indivíduos, como por exemplo o poder de afeto e cooperação do feminino, que não necessita ser exercido somente pelas mulheres. Um dos grandes problemas de nossa época é a excessiva competição e a agressividade entre as pessoas, características tipicamente masculinas. O gênero feminino no comando, exercido por homens ou mulheres, implica em mais cooperação e menos competição, mais preocupação com as pessoas e mais afeto.

Assim como as mulheres aprenderam a usar o masculino, os homens devem refletir e aos poucos irem tomando consciência para deixar fluir os valores do feminino quando assim forem necessários. Os conflitos entre homem e mulher surgem quando não há o equilíbrio entre estes dois universos, masculino e feminino, quando um pólo prevalece sobre o outro, dominando ou subalternizando, como historicamente sempre ocorreu, com o masculino usando a da sua força para dominar o feminino (Boff & Muraro, 2002).

Nolasco (1994) reflete que os homens quase não fazem escolhas afetivas, excluindo o mundo profissional, e quando as fazem é mais para cumprir como uma função inerente a seu papel social. Neste sentido, as escolhas para o sexo masculino, é originada mais da quantidade de conquistas realizadas do que do prazer em descobrir-se nas relações. Desta maneira o envolvimento masculino, dificilmente, inicia os homens na direção da busca interior. Não abre as portas para o encontro consigo mesmo; a consequência não é um contato com o outro, mas com um objeto. Este autor reflete (p. 104):

Tudo isso nos leva a pensar na qualidade do envolvimento masculino no que tange às relações afetivas. A função do envolvimento é viabilizar a entrega, que põe o sujeito fora do lugar da sedução estéril, e o faz caminhar rumo à construção de uma relação em que vigoram o dar e o receber, a comunhão consigo mesmo e com os mistérios do outro.

Johnson (1993) cita que a mulher, usando da sua natureza feminina, tem a habilidade necessária para transformar um homem, em desenvolver nele um 'mergulho' em sua intimidade. Ela poderá ajudá-lo a descobrir seus verdadeiros valores, que não vem do externo, e sim do seu consciente masculino. Segundo este autor (p. 45):

Quando um homem chega ao ponto de sentir-se desencorajado, um simples olhar feminino pode induzi-lo a restaurar seu valor. Parece haver aqui um estranho vácuo na psicologia masculina. A maioria dos homens consegue seu auto-preço através de uma mulher: esposa ou mãe.

Para este autor, o homem depende bastante da mulher pela capacidade que ela tem de trazer a 'luz', a sensibilidade, a harmonia para a família, pois ele não consegue de uma maneira mais clara, encontrar um significado real para si mesmo. A vida fica muitas vezes árida, sem graça para ele, a não ser que alguém lhe confira um significado maior de sentido de vida. A mulher, com a sua feminilidade, pode dar uma razão para a 'luta' diária do homem e ao mesmo tempo, pode proporcionar a entrega plena do homem para o relacionamento. (Idem).

A entrega não é um processo cego e incondicional, apesar de remeter o indivíduo a rendição. Ao entregar-se, o sujeito se vê rendido, à mercê do jogo espontâneo decorrente de sua própria escolha. Tal jogo inclui descobertas e satisfações, mas também desconforto e irritação. Nolasco reflete (1994, p. 108)

Criados somente para degustar o prazer, ao depararem com o desconforto os homens se ressentem e cambaleiam, o que atesta a dificuldade de sorver da vida o gole amargo da perenidade. Esta experiência está longe de ser vivida como encontro com a humanidade da alma, no que nela há de belo, singular e terno. Um homem teme se entregar, pois isso faria com que entrasse em contato com uma experiência que pouco conhece. Habitualmente só tem contato com a dor física, ela por si só vem funcionando como um pivô para a expressão de afetos ainda não nomeados, mas por ele vivenciados

Todo homem sabe, instintivamente, que as mulheres são as senhoras da vida e da morte; que podem propiciar todas as delícias, ajudando-os em suas realizações, mas também se tornar elemento de destruição e frustração. Ser homem, atualmente, significa antes de tudo, ser consciente, conseguindo se esquivar das seduções e manipulações que a sociedade moderna proporciona. O homem maduro é aquele que tem capacidade de não se dissociar frente às dificuldades da vida, que enfrenta com paciência, perseverança e capacidade de sacrifício os obstáculos que encontra em seu caminho. Estar em sintonia, ao mesmo tempo, com o mundo externo e interno, respondendo adequadamente às solicitações de ambos, é sinal de maturidade e sabedoria. (Boechat, 1997)

O saber colocar-se no lugar do outro, ter pelo menos, uma noção do que o outro sente, facilita muito o diálogo. É muito interessante ter amizade do sexo oposto. Assim, os universos opostos podem se revelar sem jogos de sedução. De uma maneira geral, é mais fácil para a mulher ser amiga do homem, pela sua própria natureza. Em contrapartida as mulheres sentem que é difícil criar amizade com o sexo masculino, também devido a natureza 'predadora' do homem. Silva (2000) cita que em nossa sociedade é difícil para as mulheres encontrarem 'amizade masculina' sinceras, homens que tenham interesses em trocar idéias com as mulheres, mesmo desejando-as e relacionando-se, ou não, sexualmente com elas. Porém, este autor afirma que esses homens existem, conforme suas palavras (p.91):

Mas, por difícil que seja, tais homens existem. São certamente, os mais sensíveis e ao mesmo tempo mais seguros de sua virilidade e sexualidade. Por estar seguros da masculinidade, não temem o encontro com o feminino que há dentro deles mesmos. Via de regra, quanto mais duvida da virilidade, mais arrogante, agressivo e desdenhoso é o homem em relação às mulheres. Mas tende a reprimir, em si, o que lhe parece feminino e pouco másculo. Reprime, pois, o afeto, a sensibilidade, a entrega e a doçura. E abre a mão, não tenho dúvidas, do melhor de si mesmo e da vida.

Este autor afirma ainda que estes homens, são aqueles que se libertaram do papel de macho e que muitas tentativas são feitas para captar a essência da alma feminina. Estes conseguem ver em primeiro lugar o ser humano e que isto não significa, obviamente, que não desejem a mulher, que não lhe apreciem as formas e

a beleza. Estes conseguem nas relações com as mulheres, vivenciar uma troca, uma intimidade e uma ternura que não excluem o tesão e o sexo. Estes tipos de homens, ao término de um relacionamento, conseguem continuar sendo amigo das mulheres. Eles não temem trocar confidências e não temem mostrar suas fragilidades. Eles a respeitam como ser humano, e não como um símbolo de *status* e veículo para exhibir-se e despertar inveja nos outros homens.

Nos dias de hoje vivencia-se uma nova era de igualdade e respeito, entre homens e mulheres. *“Graças a esta trégua talvez pela primeira vez na história, homens e mulheres estão explorando o que significa estar próximo um do outro de um modo não sexual”* (Cowan & Kinder, 1988, p.212).

Conclusão

Seja paciente com tudo que não há solucionado em
seu coração
E procure amar as próprias perguntas
Não procure as respostas que não lhe podem ser
dadas
Porque não poderia vivê-las
E o que importa é viver tudo
Viva as perguntas agora
Talvez gradativamente e sem perceber
Chegue a viver algum dia distante as respostas.

Rainer Maria Rilke

O Pós-modernismo invadiu o cotidiano com a tecnologia eletrônica de massa e individual, redefinindo o mundo no qual o domínio são as informações, diversões e serviços. As pessoas, atualmente, têm seus dias pré-programados, acham facilidades, o tempo é todo preenchido com compromissos e o tempo para reflexão, para filosofar, quando existe é mínimo. Isso é uma das premissas do capitalismo: o homem não pode pensar, tem que trabalhar para consumir, para pagar, para comprar mais, pagar de novo, trabalhando mais e assim *'ad eternum'*. O homem se entrega ao presente e ao prazer. Mas este prazer nunca está satisfeito, pois o que é oferecido como recompensa, ao adquirir determinado objeto de consumo ou um pacote de viagem, por exemplo, deixa muito aquém do que foi proposto e imaginado. O marketing consegue atuar muito bem na mente das pessoas, criando ilusões, deixando-as quase sempre insatisfeitas.

O ambiente pós-moderno é basicamente isso: entre o indivíduo e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação. Eles não informam sobre o mundo, eles o refazem à sua maneira, transformando-o em um espetáculo. A tecnologia atua em tudo, tornando o mundo perfeito, no papel, no vídeo. As pessoas que não têm um discernimento entre a realidade do cotidiano e a realidade maquiada que o capitalismo produz, viverão frustradas, como se estivesse sempre faltando algo. O que é de real importância na vida das pessoas, como amizade, carinho, atenção, respeito, consideração, amor que são eventos naturais no ser humano, quase não há tempo para ser vivido. E estes, não se pode adquirir

em shoppings, supermercados etc. O problema reside no fato que as pessoas costumam comparar suas emoções, com as emoções produzidas pela mídia, pela tecnologia, pela arte, transmitidos pelos filmes, novelas, revistas e outros, criando um distanciamento muito grande, entre os dois mundos: real e o construído na imaginação das pessoas pelo show da tecnologia / marketing.

A diferença da sociedade pós-moderna das demais, é que nesta se vive muito o lado econômico, científico, tecnológico, competitivo, globalizado e materialista. Existe uma ênfase no presente, o passado e a tradição, caíram no descaso. As transformações foram tão velozes e profundas que houve uma perda nos modelos e paradigmas sociais, as pessoas criam expectativas que o futuro será melhor e ao mesmo tempo uma grande insegurança com este futuro. O pragmatismo e o hedonismo voltam como filosofia de vida, e a consequência é um distanciamento do mundo espiritual. Observam-se muitos discursos, muitas mensagens via *Internet* com teor de altruísmo elevado. Mas entre o discurso e a ação, existe um distanciamento muito grande.

Contudo, 'toda moeda tem seus dois lados', e a pós-modernidade tem como características de valor o respeito pela subjetividade das pessoas, que é mais reconhecida e estudada; o reconhecimento as múltiplas formas de alteridade que surgem dos gêneros, sexualidade, de raça, de classe e deslocamentos geográficos espaciais e temporais. Além disso, a tecnologia trouxe grandes avanços na área médica, proporcionando uma qualidade de vida melhor. Outro ponto, altamente positivo é a maneira que as pessoas passaram a estar mais próximas de lugares, pessoas. O contato, mesmo que virtual, com países distantes, que a grande maioria dos brasileiros não teriam possibilidade de conhecer no mundo real, é acessado em minutos via Internet e isto é enriquecedor, é cultural. Esta é a noção do espaço-tempo da pós-modernidade. O mundo virtual proporciona a muitas pessoas visitarem lugares do mundo inteiro, como por exemplo, visitar o museu do Louvre, conhecer as belas galerias das estações de metrô de Moscou, a torre Eiffel, as pirâmides do Egito etc, ou mesmo ver e conversar, simultaneamente, com um ente querido que está a quilômetros de distância em outra cidade, estado ou país.

Hall (2004) cita que 'compressão espaço-tempo' têm um impacto direto na construção das identidades, de forma que as pessoas sentem que o mundo é menor e as distâncias mais curtas. Com essas mudanças de paradigmas, na medida em que as culturas invadem as fronteiras de outras, os significados culturais mudam, e uma grande variedade de identidades possíveis surgem. Desta maneira as identidades vão sendo construídas no meio do relativismo, no qual as barreiras dicotômicas entre: certo x errado, bom x mau, feio x bonito, espiritual x material, tradicional x moderno, masculino x feminino etc, não são fortemente delineadas, dependerá do contexto no qual está acontecendo. Como consequência as pessoas passam a assumir diferentes maneiras de ser, de acordo com os diferentes contatos que vão descobrindo, e vão moldando as características com as quais lhe são conveniente.

Além desses fatores atuando na construção da identidade do homem, houve outros, como por exemplo a substituição da força física pela tecnologia, que podem ter desencadeado uma falta de referência do universo masculino. Segundo autores pesquisados, a chegada das mulheres ao mercado de trabalho, bem como sua liberação sexual, os homens sentiram-se invadidos em duas áreas que configuravam suas fontes de referência: trabalho e o desempenho sexual. Esses fatores, geraram insegurança e ansiedade nos homens (gênero), porque algumas fontes de valores da identidade masculina ficaram indefinidas, provocando a chamada 'crise da identidade no homem'.

No ponto de vista da autora deste trabalho, a construção da identidade deverá ser baseada em valores de ética, moral, respeito, lealdade, auto-estima e respeito ao jeito natural de ser, sem ter a preocupação dos estereótipos que a sociedade impõe. Atualmente, fala-se em grupos de homens no qual acontecem discussões sobre vários temas, como por exemplo, paternidade, idade, angústias, dúvidas, troca de experiências, idéias, e outros assuntos, normalmente, orientado por psicólogos, sociólogos. No Brasil podemos citar o psicólogo Sócrates Nolasco, como promovedor destes grupos de homens. Estes eventos têm como objetivo a tentativa de encontrar uma moldura de identidade própria, sem os adjetivos de heróis, provedor, ousado. Lá é um espaço onde eles têm a possibilidade de falar sobre assuntos relativos as emoções, que são ditos como pertencentes do 'mundo

feminino'. Além disso, os homens estão buscando tomar consciência dos papéis que desejam executar, independente do que a sociedade determina. Certamente, o homem sentir-se-á mais livre para poder estruturar sua identidade em valores menos capitalistas e mais humanistas, aprender que falar de emoções, não é exclusivo do repertório feminino. Para isto sedimentar-se é muito importante que ao educar os filhos os pais não os reprimam quando estes quiserem expor seus medos, sentimentos, fragilidades e outros.

Desde pequeno os meninos já vão aprendendo a reprimir as emoções com orientações como por exemplo: *'um homem não chora'*, *'um homem não pode beijar'*, *'um homem não se olha no espelho'*, *'um homem não pode ter medo'*, *'tem que suportar dores'* etc. Desta maneira, o menino começa a guardar seus sentimentos, a não compartilhar suas emoções, ensinando-lhes uma precoce independência e isolamento. Beauvoir (1949), ressalta muito bem este fato, ao dizer que é negado aos meninos, beijos e carinhos, enquanto as meninas continuam recebendo carinho dos pais. As diferenças na maneira de educar menino e menina vão se tornando mais evidentes. O filho, por ser um menino, não deverá ser preterido em termos de carinho e atenção. E essa é uma barreira que a pós-modernidade, pelo menos aqui no Brasil, ainda não conseguiu derrubar: o mito de educar os meninos de uma maneira com aspectos do machista, não referenciando o masculino. Provavelmente o motivo é que os pais temem que um menino que expresse suas emoções, possa vir a se tornar um homossexual. Cowan & Kinder (1988) afirmam que ser pais saudáveis e atenciosos, que ao cuidar dos filhos com carinho e atenção, sem tentar reprimir o que é natural nos filhos, estes desenvolvem um sentimento positivo em relação a eles mesmos. Com isso, paulatinamente, irão incorporando e internalizando o amor dos pais e isso é um fator que é fundamental para sua auto-estima.

Novos conhecimentos sobre a psicologia humana são divulgados, continuamente. Desta maneira, o pai hoje já está descobrindo a importância da presença paterna na vida dos seus filhos. Estes precisam dos referenciais masculinos, tanto quanto os femininos. Muitos pais sentem que entre eles e seus próprios pais existiu um espaço e desejam que isto não ocorra com seus filhos. A importância do pai não é só na figura do 'pai provedor', aquele que fica 'lutando' 18

horas por dia para prover as necessidades de sua família. No Brasil, embora haja também um consumismo, segundo pesquisas divulgadas recentemente em revistas¹² e TV a classe média têm trabalhado muito para poder manter o mesmo padrão de vida que conquistaram. É salutar evidenciar que os pais tenham tempo para interagir com seus filhos, seja afetivamente, seja pelo diálogo, seja em diversão. Devem procurar ter tempo de trocas de experiências e procurar não deixar espaço para que o capitalismo, a individualidade, o egoísmo, sejam os referências de valores na vida dos filhos.

Já existem pais que atuam no espaço doméstico ajudando a trocar de fraldas, dando mamadeira, passeando, brincando e buscando encontrar a melhor maneira de educar e ser relacionar, afetivamente, com seus filhos. Estes exemplos de pai que além de preocupados com a profissão, estão também buscando estar mais com os filhos, devem ser divulgados, pois é desta maneira que a educação e as novas referências de paternidade vão sendo construídas. Considero o papel da mulher, como mãe, esposa, também de vital importância para apoiar seu marido / companheiro a construir essa nova maneira de relacionar com os filhos, além de proporcionar o contato com o universo feminino. É evidente, que para isso, pai e mãe, deverão ter um mesmo discurso na educação de seus filhos, bem como um bom relacionamento, pois isso já é um ponto de partida como referência positiva.

Os filhos ao vivenciarem um relacionamento de seus pais baseado no respeito, carinho, admiração, sendo casados ou não, obterão referências que ajudará a determinar a maneira que este filho viverá seus relacionamentos. Vários autores pesquisados para este trabalho, consideram de suma importância homens e mulheres conhecerem um pouco da fisiologia humana. Entre os casais têm havido uma série de desentendimentos por uma falta de tempo, por estresses, por hedonismo, e às vezes também por falta de interesse em buscar conhecer as diferenças duais. Pode-se dizer que as oscilações hormonais das mulheres são um dos ofensores deste desentendimento, principalmente pela mudança do comportamento na mulher, causa ainda um estranhamento ao homem.

¹² Época, 367, 30 maio 2005: A nova Cara do Brasileiro: levantamento realizado nos últimos três anos por diversos institutos em nove grandes centros, onde vivem 30% da população – Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e em todo Estado de São Paulo.

Basicamente, o mínimo de conhecimento necessário que homens e mulheres devem ter sobre hormônios é a maneira que estes atuam no organismo feminino e masculino. Os estrogênios e a progesterona são os hormônios femininos que são responsáveis pelo jeito da mulher agir: cuidar, alimentar, seduzir, chorar, emocionar, compreender, perdoar etc. Já os hormônios androgênicos, que tem a testosterona como seu principal representante, é responsável pelos aspectos da masculinidade, como a racionalidade, competitividade, agressividade entre outros. Nos homens, a testosterona é de 20 a 40 vezes mais do que nas mulheres e tem como meta torná-los mais lógicos, 'sensatos', sintéticos, irritados, 'bélicos', bem-humorados. (Berenstein,2001)

Com estas características fisiológicas, Gikovate (2000) cita que ao homem, caberá um papel mais ativo no relacionamento e para a mulher é possível uma postura mais passiva. A diferença biológica é um fato; agora, julgá-la como determinante de uma condição de inferioridade é apenas uma interpretação, um conceito. Tomando conhecimento dessa diferença fisiológica seria mais fácil homens e mulheres compreenderem as expectativas de um em relação ao outro. O que é visto em revistas femininas são dicas de como ter mais desejo, como chegar ao orgasmo e outros. O que a fisiologia demonstra, de uma maneira geral, é que o desejo feminino é menor que o masculino, que flutuará de acordo com seu ciclo hormonal. Durante a fase de ovulação, que é o período que pode haver a concepção, a mulher está com a sua testosterona em alta e desta maneira com o desejo maior para a sedução e o sexo. Foram criados diferentes mitos como consequência da revolução feminista, no quesito sexual e que aos poucos acabaram criando frustrações nas mulheres. Muitas ainda se acham frígidas, por causa destes mitos, pois não conseguem ter o mesmo desejo do parceiro e existe uma dificuldade maior em chegar ao orgasmo.

No início do relacionamento quando a paixão está em alta, a disposição sexual é sempre alta e de ambas as partes. Muitos são os homens que reclamam, que após um tempo de relacionamento (por volta de dois anos) a mulher começa a mudar. Existem vários fatores, como por exemplo, o homem deixar o romantismo, a sedução de lado, que é tão necessário para mulher e querer ir logo para os 'finalmente'. Isto frustra demais as mulheres. Mas as queixas dos homens é que

depois que as mulheres firmam o compromisso do relacionamento, o apetite sexual delas diminui. Após a revolução feminista e aliado com as transformações da pós-modernidade, percebe-se que o relacionamentos dual passou a ser egoísta, no qual o doar-se não existe, tudo é na base da troca. Tendo como base conversas informais, leituras em revistas, o discurso da grande maioria das mulheres é que só permite a relação sexual se ela está com o desejo. Poucos são as mulheres que ousam dizer que, eventualmente, cedem por amor, talvez com medo de serem criticadas pelas feministas como mulheres subservientes. Eventualmente, quando o companheiro se empenha na sedução, é atencioso, carinhoso, e o desejo nela não é despertado, por amor, não custa a companheira ceder ao desejo do marido. E o que ela pode estar ganhando com isso? O fato de saber que é muito desejada pelo companheiro, provavelmente deixará auto-estima em 'alta'.

É sabido que os homens ao realizarem as preliminares, é mais para a satisfação da companheira, do que por ele por seu próprio desejo. Basta observar na natureza a maneira que os machos abordam as fêmeas. O homem também ao observar a natureza feminina, acompanhar com interesse o ciclo hormonal da companheira, saberá de que maneira deverá conduzir a sedução, dependendo do período do ciclo hormonal que a mulher se encontra. Com base neste conhecimento ele poderá usar isso como uma 'ferramenta' de apoio em suas investidas de sedução, para 'atiçar' a companheira. Desta maneira, ambos, homem e mulher, saem ganhando, os laços vão se tornando mais fortes, pois é percebido um amor menos egoísta e mais altruísta.

Outro ponto importante que, atualmente, tem sido muito discutido na mídia e entre os sexos, é o relacionamento dos homens com as mulheres independentes. A autora deste trabalho compactua com a idéia dos autores pesquisados, quando citam que os homens ainda buscam mulheres no qual eles possam ter o domínio. O que é percebido, é que os homens sentem-se inseguros emocionalmente, pois sua identidade emocional, sempre foi colocada em segundo plano. Estes homens acreditam mais na capacidade de prover coisas materiais para as mulheres, em detrimento das sentimentais. Além disso, a sociedade brasileira é machista (inclui-se as mulheres), no qual impõe um grande valor na escolha da parceira, e também emergente, que o ter prevalece sobre o ser. As mulheres, que também não tiveram

construído sua identidade baseada em valores, em crenças, nas quais ela tenha condições de ser auto-sustentável, que tenham uma alta auto-estima, em geral, cobiçam esse tipo 'homem'.

Foi identificado também, pela pesquisa realizada, leituras e conversas que muitos homens ainda sentem-se incomodados com a independência das mulheres, embora achem necessária a ajuda financeira delas. Além disso há uma queixa por parte da ala masculina: 'as mulheres ditas 'fortes', perderam muito da sua feminilidade'. Mas para estas mulheres independentes, quando estão reunidas, o discurso não é este. É observado que elas buscam alguém para compartilhar das experiências da vida, alguém que elas admirem, seja na cultura, na sensibilidade, na criatividade etc. O desejo de todas é a troca de visões, experimentar um aspecto diferente do cotidiano, mostrar um novo horizonte, que haja uma troca de conhecimentos, valores, mantendo, desta maneira a admiração recíproca. Outras, por outro lado ainda buscam um 'príncipe encantado', ou seja, que seja bonito, culto, bem-humorado, uma situação financeira melhor que a dela. No fundo, o desejo de todas é sentirem-se protegidas, amadas, saberem que podem contar com um companheiro de jornada, com um cúmplice de vida.

Gikovate (2000), cita que é evidente que um relacionamento de igual para igual não deverá se confundir com a idéia de que homens e mulheres são iguais, é a mesma coisa que negar que existam as diferenças biológicas entre os sexos, vistas a olho nu. O ideal é buscar conhecer diferenças como também estabelecer um diálogo franco para que homens e mulheres parem de supor coisas uns sobre os outros. Deve-se substituir hipóteses por conhecimento, sendo um item indispensável para que as desconfianças entre homens e mulheres sejam eliminadas. E para haver conhecimento é necessário que se mantenha um diálogo, que se abra o coração, que haja sinceridade e transparência nos discursos.

Depois de muitas pesquisas e experimentos no que é masculino e feminino, homens e mulheres sentem-se mais a vontade para expressar esses dois aspectos da pessoa. (Cowan & Kinder, 1988). Na percepção da autora deste trabalho, aqui no Brasil, a mulher está muito mais a vontade para expressar o seu masculino, ela pode ocupar empregos ditos 'masculino e não será alvo de 'piadas'. Porém com o

homem não ocorre o mesmo, pois se vive ainda numa sociedade machista, na qual o homem que deixa vir a público, aspectos do feminino, já será fonte de comentários e piadas, colocando em dúvida sua masculinidade. Deve ficar claro, que no homem estas não deverão sobrepor o masculino, mas sim, serem ferramentas de apoio para os momentos que as requeiram. Na reorganização do masculino é preciso resignificar os conceitos culturais do que é masculino e feminino, surgindo um homem diferente. Este, que substituirá o homem pós-moderno, deverá ter uma identidade muito bem formada pelos valores familiares, sociais, humanos; ter uma auto-estima elevada. Assim, ele não terá problemas em demonstrar seus sentimentos, emoções, ou usar dos atributos do feminino, quando for necessário. É interessante considerar este ponto para realizar mais estudos, pesquisas e uma divulgação ampla para toda sociedade. Desta forma, poderão ser construídos homens menos sobrecarregados de cobranças sociais e mais livres para expressar suas emoções e seus sentimentos.

Ao finalizar este trabalho, faço uma breve síntese das considerações finais. Sabe-se que vivemos em uma época que é individualista mas, já se observa movimentos dos homens buscando um sentido diferente da vida, além do trabalho e do sexo, buscando mais reflexões. Na construção da identidade, se não houve uma influência positiva dos pais ou quem realizasse estes papéis, os filhos podem buscar informações em livros, Internet, revistas, artigos, e outros. A informação está disponível, basta ter a vontade de querer buscar e aprender. O brasileiro já está lendo mais, pelo o que tem sido veiculado em pesquisas de revistas, Internet; sendo as biografias sobre homens importantes da história, as leituras mais procuradas pelo sexo masculino. Isto pode estar demonstrando que os homens estão buscando encontrar 'valores perdidos'. Talvez seja uma busca de conhecimento sobre como poderão transmitir valores do masculino para seus filhos, pois os atuais pais, se ressentem que seus próprios pais não o fizeram. Os homens já estão percebendo a importância paterna na vida dos filhos e vice-versa. Pais divorciados, já ganharam na justiça brasileira o direito da guarda compartilhada.

No relacionamento dual, na opinião dos autores pesquisados e da autora deste trabalho, existe a necessidade de encontrar um equilíbrio nos diálogos, conhecer um mais pouco da dinâmica do seu (sua) companheiro (a). Para esse

movimento acontecer, o ideal é contar com uma certa disposição do homem e da mulher. Além disso, o homem também deve buscar se libertar dos pesos e cobranças que a sociedade impõe, se permitindo conhecer um pouco mais dos valores do feminino que estão em seu interior, e fazer uso desses para quando lhe convier.

A realização da pesquisa da bibliográfica sobre este tema, me propiciou novos conhecimentos e muitas reflexões. Tenho certeza de que o tema não foi esgotado; ainda há muito a conhecer, estudar, pesquisar, analisar e explorar. Ao desenvolver os capítulos e a conclusão, deparei-me com uma dificuldade em expressar em palavras meus sentimentos, minhas percepções. Michel de Montaigne (1533-1592), pensador francês, cita a seguinte frase: *“A palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem a ouve”*. Adaptei esta frase para o meu trabalho: *“Esta monografia é metade de quem a escreveu, apoiada pela competência do orientador Maurício Neubern e metade de quem a lê”*.

Mensagem final com um pensamento do filósofo inglês Cyril Joad (1891-1953):

“A maioria de nós, em um momento ou outro, é impelida, mesmo que o impulso seja breve, a ajudar a resolver os problemas da sociedade, e a maioria de nós sabe, no fundo do coração, que é nossa responsabilidade deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos”.

Referências Bibliográficas

- Alberoni, F. (1988). *O Erotismo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco
- _____ (1988). *Enamoramento E Amor*. Rio de Janeiro: Editora Rocco
- Bauman, Z. (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- _____ (2003). *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Beauvoir, S. (1949) *O Segundo Sexo: A experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Beresntein, E. (2001) *A Inteligência hormonal da mulher*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Biddulph, S. (2003) *Por que os homens são assim?* São Paulo: Fundamento Educacional.
- Bly, R. (1991) *João de Ferro. Um livro sobre Homens*, Editora Campus, 1991.
- Boechat, W. (1997 organizador): *O Masculino em Questão*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes
- Cabral, Á. & Nick E. (2000) *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Cowan, C. & Kinder, M. (1987). *Mulheres que atraem os homens e mulheres que o afastam*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Cury, A. (2003) *Pais Brilhantes, Professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Editora Sextante
- Dorais, M. (1994). *O Homem Desamparado*. São Paulo: Edições Loyola.

- Ferreira, A. B. H. (1999). *Aurélio século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa* (3ª. Ed. Ver. E ampl.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fromm, E. (1995). *A Arte de Amar*. Belo Horizonte, BH: Editora Itatiaia Limitada
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gikovate, F. (2000). *Homem: o Sexo Frágil?* São Paulo: Editora Summus
- Goldenberg, M. (2000): *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: editora Record.
- Jacobina, E. & Kühner M.H. (1998 organizadoras). *Feminino / Masculino no imaginário de diferentes épocas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Harvey, D. (1989). *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Hurstel, F. (1999): *As novas fronteiras da Paternidade*, Campinas – SP: editora Papyrus
- Johnson, R. A. (1993) *He: A Chave do entendimento da Psicologia Masculina*. São Paulo: Editora Mercuryo.
- Johnson, R. A. (1993) *She: A Chave do entendimento da Psicologia Masculina*. São Paulo: Editora Mercuryo.
- Muraro, R.M. & Boff, L. (2002). *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante
- Nolasco, S. (1994). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- _____ (2001). *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*.
- Salis, V. D. S (2003): *Mitologia Viva: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*. São Paulo: Editora Nova Alexandria.
- Santos, B. S. (2003): *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Editora Cortez.
- Silva, M. A. D. (2000) *Todo Poder às Mulheres : Esperança de Equilíbrio para o Mundo*. São Paulo: Editora Best Seller

Vygotsky, L. S. & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Anexos

Anexo I - Glossário

Para um entendimento comum dos significados de palavras chaves neste trabalho, abaixo os significados das palavras (de acordo com o pensamento da autora desta monografia), retiradas do dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, e do dicionário de psicologia:

Feminismo:

- movimento daqueles que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher, ou a equiparação do seus direitos aos do homem. (Aurélio, 1999)

Gênero :

- forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos (antropológico). (Aurélio, 1999)

Homem:

- Qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano. (Aurélio, 1999)
- Mamífero da ordem dos primatas, gênero Homo, espécie homo sapiens, única conhecida até hoje conhecida do gênero. O homem distingue-se do macaco não só por algumas estruturas corporais, mas, principalmente, pela linguagem, uso de ferramentas e cultura complexa. (Cabral & Nick,2000)

Machismo:

- atitude ou comportamento de quem não aceita a igualdade de direitos para o homem e a mulher, sendo contrário, pois ao feminismo. (Aurélio, 1999)

Macho:

- animal do sexo masculino. (Aurélio, 1999)

Masculino:

- *O que é pertinente ao macho*; logo abrange também aquelas qualidades que se supõe pertencerem ao gênero (Incluindo o gramatical). Másculo, varonil ou viril são termos avaliadores sobre as melhores , qualidades do homem sobre as que distinguem um homem de um rapaz. (Cabral & Nick,2000)

Mulher:

- o ser humano do sexo feminino (que tem ovários). (Aurélio, 1999)

Paternidade:

- Qualidade ou condição de pai; Relação de parentesco que vincula a seu(s) filho(s). (Aurélio, 1999)

Pai:

- Homem que deu ser a outro; Indivíduo que tem mulher e filhos; Protetor, (Aurélio, 1999)
- **Pós-moderno:**
- Que, nas últimas décadas do século XX adota uma postura descomprometida, independente, em face das transformações profundas ocorridas na ordem socioeconômica. (Aurélio, 1999)

Anexo II – Diferenças entre Masculinidade e Feminilidade

Na tabela abaixo, podemos ver a influência dos hormônios na masculinidade e feminilidade, segundo Berenstein (2001, p.71)

Feminilidade	Masculinidade
Cooperativismo.	Capitalismo – competitividade.
Variação hormonal.	Estabilidade hormonal.
O feminismo impôs limites à expansão da virilidade e propõe o futuro.	Falência do mundo masculino competitivo.
Progesterona + emoção.	Ausência de progesterona
Cooperação, agregação, autodomínio – valores essenciais, arte, amor fraternidade.	Individualismo – competição.
Mais precoce por causa dos hormônios e da menstruação.	Mais tardio e confuso por não possuir 'sinais' físicos.
Observa melhor seus sentimentos, conflitos, emoções, busca a beleza mais cedo que os meninos.	Procura a razão como forma de solucionar também os problemas emocionais.
Plural ao longo do mês.	Singular por toda a vida.
Consciência ecológica – Terra – lar – Cosmos.	Explora a Terra como se não fosse seu lar. A Terra deve dobrar-se aos pés do homem para a sua felicidade.
Humanização das relações políticas.	Militarização das relações humanas.
Prazer nos processos.	Prazer como resultado.
Linguagem emocional.	Monólogos racionais.

Anexo III – Músicas

Super homem – a canção

Gilberto Gil

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesse ter

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera

Ser o verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

Quem sabe

O Superhomem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher

Fé menino

Gilberto Gil

Vou levando cada vez mais fé
Menino, felino, levado, feliz
Vou levando cada vez mais jeito
Bela menina, bela menina

Bela menina, minha sina, cada vez mais
Belo menino, meu destino, cada vez mais

Cada vez mais vou gostando, vou dando
Certo
Cada vez mais entendendo, chegando, chegando
Perto

King-Kong kung-fu
E tudo cada vez mais perto
King-Kong kung-fu
E nada resta como é
King-Kong kung-fu
E eu, ou três modos de Deus

Bem-querer menino
Bem-querer menina, ah
Vou levando, ô, ô, ô

Ô, ô, belo menino
Ah, ah, bela menina

Pai e Mãe

Gilberto Gil

Eu passei muito tempo aprendendo a beijar
Outros homens como beijo o meu pai
Eu passei muito tempo pra saber que a mulher
Que eu amei, que amo, que amarei
Será sempre a mulher como é minha mãe
Como é, minha mãe? Como vão seus temores?
Meu pai, como vai?
Diga a ele que não se aborreça comigo
Quando me vir beijar outro homem qualquer
Diga a ele que eu quando beijo um amigo
Estou certo de ser alguém como ele é
Alguém com sua força pra me proteger
Alguém com seu carinho pra me confortar
Alguém com olhos e coração bem abertos

Anexo IV – Entrevista Warren Farrell

Edição 209 20/05/2002

WARREN FARRELL

Eles são as vítimas

Escritor americano diz que os homens ficaram fragilizados com a revolução feminista e agora precisam de proteção das leis

Alexandre Mansur

O americano Warren Farrell era um destacado militante masculino da onda feminista que atravessou os anos 70. Foi o único homem eleito três vezes para o quadro de diretores da Organização Nacional das Mulheres (NOW), em Nova York, uma das matrizes do movimento. Hoje se tornou uma pedra no sapato do mulherio engajado. Já no início dos anos 80, lançou a denúncia de que a guerra dos sexos converteu o masculino num gênero cabisbaixo. "Os homens têm menos opções na vida que as mulheres. E ainda morrem mais cedo", resume. Suas declarações provocaram reações iradas das antigas companheiras de luta, como Betty Friedan. Polêmico e radical, o ex-feminista conquistou espaço entre os articulistas do *The New York Times*. Professor da Escola de Medicina da Universidade da Califórnia e da Escola de Psicólogos Profissionais, formou mais de 600 grupos terapêuticos de homens no país. Seus livros venderam 1,5 milhão de cópias. O maior sucesso, *Por Que os Homens São Como São*, foi publicado em 50 países, inclusive no Brasil, pela Editora Record. Em sua obra mais recente, *Father and Child Reunion*, ainda inédita no país, Farrell analisa o relacionamento entre pai e filhos.

Perfil

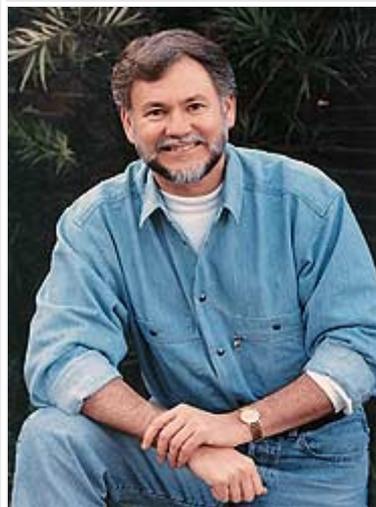
Arquivo pessoal

• **Dados pessoais**

Tem 58 anos. Vive com a mulher há oito. Não tem filhos

• **Vida profissional**

Presta consultoria individual para casais e participa do treinamento de psicólogos. Treina executivos em empresas como AT&T, IBM, Toyota, além de em órgãos como a Nasa



ÉPOCA – *Qual foi o impacto do movimento feminista na vida de homens e mulheres?*

Warren Farrell – As mulheres conseguiram vitórias maravilhosas. Têm mais oportunidades profissionais, assumiram o papel de líderes, ganharam mais espaço na universidade. Podem explorar seus talentos e potenciais. Já os homens tiveram ganhos e perdas. O lado bom é que eles passaram a se relacionar com uma mulher mais feliz e independente. Sabem que as mulheres não fazem sexo só para satisfazê-los, também estão interessadas no próprio prazer. Isso enche seu ego. Eles também não precisam garantir toda a renda familiar.

ÉPOCA – *E o impacto negativo?*

Farrell – Os homens estão em situação de inferioridade. Uma mulher casada e com filhos pequenos tem três opções: trabalhar em tempo integral, apenas cuidar das crianças ou encontrar uma combinação das duas coisas. As opções do homem são as seguintes: trabalhar, trabalhar e trabalhar. As expectativas para eles ficaram ainda mais rígidas que antigamente. Ainda devem ganhar dinheiro e

prover a família. Também são cobrados a demonstrar afeto e participar da educação dos filhos. Isso é ótimo, mas as coisas se excluem. Para ganhar dinheiro, eles são absorvidos pelo emprego e se afastam da família. Ficam angustiados.

ÉPOCA – *Os homens realmente desejam ficar mais com a família?*

Farrell – Sim, mas, além da falta de tempo, eles enfrentam preconceitos. No divórcio, a mulher fica com as crianças e, geralmente, com a casa. Nos Estados Unidos, elas têm a opção de receber ajuda financeira ou assistência do governo como uma espécie de marido substituto. Os homens não têm essas opções. Uma americana grávida pode escolher entre abortar ou processar o pai da criança para ganhar apoio financeiro. Em muitos Estados, a mulher pode ter o bebê sem informar o pai. Pode criar o filho com outro homem e, depois, entrar na Justiça exigindo dinheiro para uma criança cuja existência o pai desconhecia.

ÉPOCA – *Mas essas leis são criadas e mantidas por autoridades majoritariamente masculinas. Por que perpetuariam essa situação se fosse uma injustiça contra os homens?*

Farrell – Falta de consciência. O movimento feminista ajudou as mulheres a descobrir como eram tolhidas pelos papéis sexuais que elas mesmas reforçavam. Do mesmo modo, precisamos acordar para as limitações que nós, homens, nos impomos.

ÉPOCA – *A liberação das mulheres não aliviou o fardo dos homens?*

Farrell – Não exatamente. Nossas filhas têm a opção de pedir o namorado em casamento e tomar iniciativas sexuais. Nossos filhos têm a responsabilidade de fazer isso. As garotas de hoje podem pagar o jantar ou a bebida. Os garotos têm isso como obrigação. Uma noiva pode até comprar os anéis de noivado. Mas espera-se que o noivo o faça. A dinâmica conservadora é a mesma. Os homens continuam competindo para ser os melhores protetores das mulheres. Elas ainda disputam o melhor protetor.

ÉPOCA – *Se os homens são tão oprimidos, por que não brigam por seus direitos?*

Farrell – Nenhum dos gêneros é oprimido. Ambos têm responsabilidades, que às vezes são pesadas. No passado, isso era pior. Nossos pais lutavam pela sobrevivência da família e tinham apenas obrigações. Quem conseguia escapar

dessa sina era uma minoria com dinheiro sobrando no bolso. O feminismo surgiu nesse grupo privilegiado.

ÉPOCA – *Como assim?*

Farrell – Nos anos 60, muitas mulheres das classes média e alta, que haviam se casado com homens bem-sucedidos e provedores, passaram a se sentir oprimidas. Queriam mais poder na família, chance de trabalhar e liberdade sexual – mas não eram compreendidas pelo marido. Não é para menos. Afinal, os companheiros haviam sido selecionados por elas pela habilidade em ganhar dinheiro, não por se comunicar bem ou garantir-lhes liberdade. A insatisfação levou ao divórcio, muitas dessas mulheres foram cuidar dos filhos sozinhas e ficaram com raiva dos homens, que não podiam satisfazer suas expectativas elevadas. O movimento feminista despontou politizando essa raiva, batizando-a de opressão da mulher. Chamou-se isso de guerra dos sexos. Mas os homens estavam apavorados, tentando se esconder e torcendo para não ser atingidos. As feministas não viram a dinâmica completa da sociedade.

ÉPOCA – *Por que o senhor rompeu com as feministas?*

Farrell – Continuo defensor ardoroso de um movimento que busca expandir direitos. No entanto, eu me oponho aos grupos que fazem do homem um inimigo, que divulgam falsas estatísticas para repisar a idéia de uma sociedade dominada por machos e projetada para oprimir as mulheres. Os homens precisam descobrir o que está por trás do poder atribuído a eles. Esse poder, na prática, tem muito a ver com a obrigação que temos de ganhar o dinheiro que um dia nossas viúvas vão gastar.

ÉPOCA – *O que impede os homens de se defender?*

Farrell – Se um homem quer ser bem-sucedido, aprende que é preciso reprimir os sentimentos. A pressão é enorme. Os pais querem filhos bem-sucedidos. As mulheres querem maridos bem-sucedidos. Se um homem escolhe virar um ator ou músico, e não consegue se sustentar, perde a mulher, os filhos, o amor dos pais e o apreço de todos. Por isso, a possibilidade de o homem cometer suicídio após o divórcio é dez vezes maior que a de sua ex-companheira. Quando uma mulher pede ajuda, descobre quem está disposto a salvá-la. Mas, se o homem pedir socorro, a mulher o abandonará.

ÉPOCA – *As mulheres impedem que os homens manifestem seus sentimentos?*

Farrell – Não exatamente. Os homens precisam assumir a responsabilidade de expressar o que sentem. Quando as mulheres começarem a escolher homens realmente capazes de expor suas vulnerabilidades, aí, sim, eles passarão a se abrir mais. Os homens dependem das mulheres emocional e sexualmente. Fecham-se quando percebem que o ambiente não é seguro para seus sentimentos mais íntimos.

ÉPOCA – *Em 1920, a expectativa de vida dos homens era um ano menor que a das mulheres. Hoje a diferença aumentou para sete anos. Isso é grave?*

Farrell – No início do século, a maioria das mortes era causada por doenças infecciosas e problemas de saúde pública que afetavam ambos os sexos. Desde então, a mortalidade passou a ser cada vez mais influenciada por fatores de estresse. Aumentou o número de mortes por câncer e doenças cardíacas. Quase todas as revistas femininas e órgãos governamentais ajudam as mulheres a cuidar da saúde, oferecendo-lhes apoio. As revistas masculinas e o governo não fazem nada disso para os homens. Na verdade, os homens precisam até de mais apoio que as mulheres, porque aprenderam desde sempre a ser heróis e também a ser descartáveis, seja na guerra, seja no trabalho. Precisam aprender que sua maior fraqueza é a fachada de força, enquanto a grande força das mulheres é a sua aparente fragilidade.

ÉPOCA – *Por que os homens precisariam de proteção?*

Farrell – A proporção de mulheres em universidades americanas se expandiu. Enquanto isso, entre os rapazes são mais altos os índices de desistência no meio do curso. No colégio, os garotos vão pior em todas as matérias, com exceção de matemática. Por que ninguém defende uma ação afirmativa que compense as chances menores dos homens na educação? Eles estão pior em qualquer avaliação social ou psicológica. As mortes por câncer de próstata são equivalentes às causadas por câncer de mama. Mas há sete vezes mais financiamento para pesquisas de câncer de mama.

Anexo V – Atributos do Masculino e Feminino

Modo de Pensar	
Atributos do Masculino	Atributos do Feminino
Análise	Consciência difusa
Categorização	Forma
Causalidade	Imaginação
Classificação	Indiferenciação
Comparação	Holismo
Consciência focalizada	Logicidade circular
Conteúdo	Não causalidade
Criação no plano de idéias	Não julgamento
Diferenciação	Possibilidades arquetípicas
Dualidade	Relativismo
Entendimento	Semelhança
Hierarquia	Síntese
Informação	Unidade
Inventividade	
Julgamento	
Logicidade Linear	
Ordem	
Polaridade	
Racionalidade	
Separação	

Modo de Sentir	
Atributos do Masculino	Atributos do Feminino
Assertividade	Afeição, afetividade
Auto-afirmação	Ajuda, apoio
Autoconfiança	Capacidade de ouvir
Desconfiança	Complacência,
Independência	Consentimento,
Intolerância	Condescendência,
Isolamento	Conexão
Normatividade	Confiança, acolhimento
	Devoção, docilidade
	Entrega
	Espera
	Espontaneidade
	Inderpedendência
	Ligação
	Maternal
	Proteção
	Receptividade, aceitação
	Relação, relacionamento
	Reserva
	Serviço
	União

Relação com a natureza	
Atributos do Masculino	Atributos do Feminino
Ar	Água
Calor	Escuridão, negro
Céu	Fecundidade
Controle da Natureza	Frio, portadora da morte
Dia	Harmonia com a natureza
Duro	Lua
Fertilização	Matéria
Fogo	Mole
Instinto	Noite
Sol	Terra
	Umidade, portadora da vida

Modo de Agir	
Atributos do Masculino	Atributos do Feminino
Autonomia	Comunhão, complementaridade
Avaliação	Adaptação
Cultura, civilização	Circularidade, cíclico
Diretividade	Criação, geração
Estratégia proativa	Arte, concepção
Espiritual	Deixar acontecer
Exclusão	Crescer
Independência	Espera, moderação
Iniciativa Individual	Estratégia reativa
Linearidade	Movimento no espaço
Movimento no tempo	Não atividade, passividade
Objetividade	Nutrição, alimento
Planejamento	Participação
	Sem objetivo
	Silêncio
	Suavidade, calma
	Subjetividade adaptável

